1. Qualquer discussão sobre a história oral na Itália deve começar com um paradoxo.

Num artigo de 1995, Alistair Thomson apontou que, no desenvolvimento da história oral Britânica, “a tendência a defender e utilizar a história oral apenas como outra fonte para descobrir ‘como algo realmente foi’, leva à negligência de de outros aspectos e valores do testemunho oral”. Esta abordagem positivista foi revista apenas mais tarde, escreve Thomson, graças também às influências internacionais, dentre as quais ele relaciona principalmente a contribuição italiana. Em sua resposta, Paul Thompson rebateu que a história oral “crítica” italiana e de outros países haviam sido traduzidas e conhecidas muito recentemente no Reino Unido.⁴

Sejam quais forem os méritos deste debate⁵, o fato de que ele tenha ocorrido é uma indicação da relevância internacional da História Oral italiana e da sua

¹ Este artigo foi publicado originalmente em David K.DUNAWAY & Willa K. BAUM (ed.), *Oral history: na interdisciplinary anthology*, 1996, sob o título “Italian Oral History: Roots of a Paradox”. Agradecemos ao autor a autorização para a sua publicação na *Tempos Históricos*.

² Professor na Universidade de Roma “La Sapienza” e presidente do Circolo Gianni Bosio para a memória e o conhecimento crítico da cultura popular.

³ Professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, vinculado à Graduação e ao Mestrado em História.

⁴ Alistair THOMSON, “The Memory and history debates: some international perspectives”, in *Oral History*, outono de 1994, pp. 33-35; Paul THOMPSON, “Letter to the director”, in *Oral History*, outono de 1995, pp. 27-29. Luisa Passerini também compartilha desta avaliação: “Na Conferência Internacional sobre História Oral na Universidade de Essex, em 1979 (...) o tema da memória foi introduzido particularmente a partir das contribuições italianas. Mas só no ano seguinte, em Amsterdã, se efetivou uma discussão sobre a relação entre memória e esquecimento, entre o narrado e o silenciado. De fato, até então, dominava o enfoque objetivo da História Oral britânica, que buscou principalmente os conteúdos da memória e, simplesmente, os declarava como fontes legítimas tanto como as fontes tradicionais” (in Luisa PASSERINI, “Il dibattito radiofônico como fonte”, in *Storia e soggettività. Le fonti orali, la memoria*, 1985, p. 167). Em Amsterdã, a exposição inicial de Luisa Passerini introduziu a discussão sobre a memória. Para algumas das contribuições italianas sobre a memória na conferência de Essex, ver Paul THOMPSON (ed.), *Our Common history. The transformation of Europe*, 1982.

⁵ Dois importantes ensaios italianos apareceram, então, em *History Workshop*: Luisa PASSERINI, “Work ideology and working class attitudes to fascism”, *History Workshop*, n. 8, 1979 (uma versão reduzida deste artigo apareceu em Paul THOMPSON (ed.), op. cit., pp. 54-78); Alessandro PORTELLI, “On the peculiarities of Oral History”, *History Workshop*, n.12, 1981, pp. 96-107 (republicado em Alessandro Portelli, *The Death of Luigi Transtulli and other stories. Form and meaning in Oral History*, 1991, pp.45-58). Este artigo teve uma primeira versão publicada em *Primo Maggio*, n. 13, 1979, pp. 54-60, sob o título “Sulla diversità della storia orale”. A publicação em *History Workshop* levou ao reconhecimento internacional e a outras traduções: ambos os artigos encontram-se em Dora SCHWARZTEIN (ed.), *La Historia Ora*, 1991, sob os títulos “Ideología del trabajo y actitudes de la clase trabajadora hacia el fascismo”, pp.142-172, e “Lo que hace diferente la historia oral”, pp. 36-52. O último artigo aparece também como “Las peculiaridades de la historia oral”, em *Tarea* (Peru), n.11 novembro/ 1984, pp.21-29, e em *Cuadernos de Ciencias Sociales*, Costa Rica, 1988. N.T.: Há uma versão em português deste artigo com o título “O que faz a História Oral diferente”, em *Projeto História*, n.14, 1997, pp.25-40.

identificação com a sofisticação metodológica e teórica, baseada numa superação das abordagens positivistas através do estudo da subjetividade, dos mecanismos da memória e dos aspectos narrativos e lingüísticos. Os historiadores orais italianos estão amplamente representados em todas as conferências internacionais, em comissões, revistas e publicações; são convidados para ensinar em instituições internacionais e seus trabalhos são citados frequentemente, discutidos, traduzidos e ensinados no exterior.

Por outro lado, a história oral italiana é quase que totalmente invisível na Itália. Nas poucas ocasiões na qual ela foi notada, o trabalho dos historiadores orais italianos foi classificada na mesma situação da qual foi supostamente tirada a História Oral britânica. Num recente informe, Pietro Clemente alegou que a História Oral italiana está contaminada por um “realismo ingênuo no uso das fontes” e “tem sido incapaz de superar completamente a imagem de ingenuidade ou uso político ou polêmico das fontes” (suas referências bibliográficas, sem dúvida, não mencionam as contribuições italianas discutidas pelos historiadores britânicos).⁶

Como consequência desta omissão, os jovens cientistas italianos que lidam com história oral, estão menos cientes que os historiadores orais no exterior sobre a tradição “crítica” da História Oral na Itália e o risco de ingenuidade metodológica aumenta. Outra consequência é que ninguém na Itália está envolvido numa tarefa relacionada com História Oral.⁷

2. Algumas das razões deste paradoxo devem ser buscadas nas múltiplas e pouco ortodoxas origens da História Oral italiana.⁸ A influência do historicismo elitista de

⁶Pietro Clemnte, “Debates sobre las fuentes orales en Italia”, in *Historia y Fuente Oral*, n.14, 1995, pp.81-94.

⁷ Sou a única pessoa conhecida da História Oral que ocupa uma cátedra numa universidade italiana, porém, não em História, mas em Literatura Americana. Luisa Passerini foi bem conhecida e respeitada internacionalmente enquanto atuou como professora associada em História (atualmente está na Universidade Européia de Florência, depois de várias ocupações em universidades americanas). Dos historiadores mencionados a seguir neste ensaio, Alfredo Martini trabalha como relações públicas numa associação empresarial; Giovanni Contini trabalha no Escritório de Herança Cultural da Toscana (a partir de onde ele pode, porém sem exigência institucional, realizar trabalho em História Oral); Nuto Revelli es oficial da reserva do exército; Cesare Bermanni, um dos fundadores e precursores da História Oral na Itália, com mais de mil livros e artigos publicados, parará dentro de um mês porque foi afastado como professor associado na universidade e como curador em seu colégio primário local. Pelo menos um membro da equipe editorial da *I Giorni Cantati*, uma revista ligada à História Oral teve que retirar seu nome da lista para poder competir a uma beca de pós-graduação em História Urbana.

⁸ Ainda que se realize um grande esforço para representar nas notas de rodapé deste ensaio todas as tendências e contribuições significativas da História Oral italiana e disciplinas relacionadas com ela, não obstante, não se pode garantir que seja completa. A própria natureza do trabalho com fontes orais, disperso em um grande número de publicações e editores, nacionais e locais, científicos, gerais e específicos, torna impossível uma relação realmente completa.

Benedetto Croce e do idealismo filosófico de um lado, e da limitada política cultural nacionalista do Fascismo de outro, contribuíram para o atraso no desenvolvimento na Itália das Ciências Sociais, como a Sociologia e a Antropologia, dando a historiografia italiana uma matriz claramente idealista que privilegiou o nível “ético-político” das elites e instituições. Como resultado, a presença histórica e o papel das classes não-hegemônicas – ficando somente suas memórias e manifestações – foram amplamente ignoradas, inclusive por historiadores profissionais da esquerda, que transferiram o enfoque “ético-político” à cultura e às lideranças dos partidos da classe operária⁹.

Desta forma, o conhecimento das fontes orais se desenvolveu primeiro fora das universidades e à margem de organizações oficiais, frequentemente na contraposição aos historiadores estabelecidos em nível político e institucional. O papel crucial neste desenvolvimento foi desempenhado por Gianni Bosio, como editor, autor, organizador cultural e também como historiador por conta própria. A convicção de Bosio de que a história das classes trabalhadoras não se deve limitar à história das lideranças dos maiores sindicatos e partidos, mas sim que deve incluir todas suas formas organizativas e espontâneas de expressão (inclusive a-políticas e conservadoras) o levou a trabalhar em favor de uma síntese da História com o folclore e a Etnologia. Seu “elogio de gravador” pode ser considerado como a primeira exposição por escrito do papel das fontes orais para reconstruir a “presença alternativa e o estudo crítico das classes não-hegemônicas.”¹⁰

Bosio se deu conta que os dados para uma história interdisciplinar a partir de baixo, que ele havia focado, tiveram que ser resgatados praticamente do nada. Assim, insistiu constantemente na importância primordial do trabalho de campo e insistiu no tratamento rigoroso, “filológico”, da evidência documental, escrita e oral. Ainda que considerasse a possibilidade de um trabalho de campo ser realizado de maneira pouco crítica e ingênua, avaliou que um trabalho de campo “inadequado” seria melhor que

⁹ Ver Cesare Bermanni, "Dieci anni di lavoro con le fonti orali," *Primo Maggio*, 5 (1975), pp. 35-50.

¹⁰ Gianni BOSI, *Il trattore ad Acquenera. Piccola e grande storia in una comunità Contadina*, 1981; *L'intellettuale rovesciato*, 1975; id. *Diário di un organizzatore di cultura*, 1962. Sobre Bosio, ver Antonello CUZZANITI e Cesare BERMANI, “Biografia de um militante: Gianni Bosio”, in *Il Nuovo cazoniere italiano*, n.4/5, 1977, pp.37-59.; Alfredo MARTINI, “Bosio, Gianni”, in *Dizionario biografico degli italiani*, vol. XII, 1989; Alessandro PORTELLI, “Research as an experiment in equality”, in *The death of Luigi Trastulli and other stories. Form and meaning in Oral History*, 1991, pp.29-44 [traduzido para o português na revista Projeto História, n.14, fevereiro de 1997, sob o título “Forma e significado na História Oral. A pesquisa histórica como um experimento em igualdade”]; Cesare BERMANI, “Gianni Bosio ‘intellettuale rovesciato’: la organizzazione di culture come supporto alla rifondazione politica”, in *Il de Martino*: bulletin del Istituto Ernesto de Martino, n.1, 1993, pp.10-28; Alessandro PORTELLI, “L’elogio del magnetofono: alle origini della storia orale”, *ibid.*, pp. 29-43. Todas as reimpressões das obras de Bosio acima mencionadas incluem amplas introduções de Cesare Bermanni.

nenhum, já que, pelo menos, estabeleceria dados para uma análise mais sofisticada. Como expressão desta preocupação com as fontes, Bosio estabeleceu, no Instituto Ernesto De Martino, o primeiro e, possivelmente, o mais importante arquivo de documentos orais, fundado em Milão e recentemente instalado em Sesto San Giovanni, nos arredores de Florência.¹¹ Respondendo a forma oral dos documentos, Bosio desenvolveu também formas alternativas para apresentar os resultados do trabalho de campo, como teatro e concertos (era um dos fundadores da revitalização folclórica italiana) e discos (LPs) incluídos nas séries de canções, a palavra falada e outros documentos sonoros editados pelo Arquivo Sonori y Dischi del Sole, que ele mesmo fundou.¹²

A centralidade do trabalho de campo continuou sendo o ponto principal para toda a tradição da História Oral que remete a Bosio. A entrevista foi vista cada vez mais como, não apenas, um processo essencial de recolhimento de informações, senão também como encontro politicamente significativo, uma situação de aprendizagem e um “experimento em igualdade” tanto para o informante como para o entrevistador¹³. Isto poderia ser também uma das razões da pouca aceitação da História Oral nos círculos universitários, onde a idéia de que o trabalho científico também se pode realizar fora dos escritórios e bibliotecas, da humildade necessária para realizar o pesado trabalho de recolher fontes orais, da atitude receptiva pela qual um cientista pode aprender também de informantes não portadores de educação formal e de práticos menos reconhecidos, iniciou um lento avanço. Quiçá não foi tanto o “anti-intelectualismo” dos historiadores orais, senão mais propriamente a preocupação de que a História Oral poderia

¹¹ Sobre o Instituto De Martino, ver Cesare Bermani, ed., *Il nuovo Canzoniere italiano dal 1962 al 1968* (Milan: Mazzotta, 1978), uma reimpressão da revista editada por Gianni Bosio e mais tarde pelo Instituto Ernesto De Martino (uma série posterior de *Il nuovo Canzoniere italiano* foi publicada antes de 1977). Ver também C. Bermani e Mimmo Boninelli, "L'attività dell'Istituto Ernesto De Martino," *I Giorni Cantati*, 1 (1981), pp. 159-64; Franco Coggiola, "L'attività dell'Istituto Ernesto De Martino," in Diego Carpitella, ed., *L'etnomusicologia in Italia* (Palermo: Flaccovio, 1975), pp. 265-70; F. Coggiola, ed., *Fonti orali per la storia e l'antropologia: testimonianze e documenti del mondo contadino e operaio* (Urbino: Centro stampa dell'Università di Urbino, 1986). Em 1986, o Instituto tinha mais de 5.000 fitas em sua coleção. Atualmente, o Instituto publica um boletim, o *De Martino* (quatro volumes, 1992-95).

¹² P. Boccardo, G. Bosio, T. Savi (eds.) *Addio padre. La guerra di Belochio, di Palma e di Badoglio* (Dischi del Sole, DS 304/6); Gianni Bosio (ed.) *La Prima Internazionale* (Dischi del Sole DS 301/3/CP). Para outros exemplos de discos (LPs) para apresentação de fontes orais nas séries Dischi del Sole, ver A. Portelli (ed.), *La borgata e la lotta per la casa* (SdL/AS/10); Franco Coggiola (ed.), *Milano. Lotta operaia alla Crouzet* (SdL/As/11); Maria Luisa Betri e Annamaria Ciniselli, *Povero Matteotti* (DS/313/15); Maria Luisa Betri e Franco Coggiola, *Il sole si è fatto rosso. Giuseppe di Vittorio* (316/18).

¹³ Circolo Gianni Bosio, "Lavoro culturale e intervento politico. trasformazione di un rapporto," in *I Giorni Cantati*, 4 (1983), pp. 9-19.

interromper os costumes e hierarquias da tradição intelectual, o que a manteria afastada das universidades.

O fato de que o trabalho de campo somente pode ser aprendido realizando-o, é uma das razões pela qual a História Oral acontece por meio de um diálogo constante entre todos os níveis implicados, de forma incomum em outras disciplinas. Cientistas com grande experiência e jovens investigadores independentes, incluindo entusiastas locais e principiantes, se encontraram nas mesmas conferências e puderam sempre aprender uns com os outros. Isto também foi observado no Reino Unido desde o início e, em grande medida, nas conferências internacionais na Europa. Tal aparece como uma declaração de intenções para a revista *I Giorni Cantati*, publicada em 1986:

“Nosso projeto é dar visibilidade e criar, permanentemente, uma circulação de idéias e práticas, conectando as mais avançadas práticas teóricas com as experiências locais de campo. Naturalmente, as contribuições dos grupos locais não se medem numa escala abstrata de competência científica, senão que devem ser interpretadas em termos de riqueza de experiência, trabalho, conhecimento coletivo, potencialidade que revelam. São, em certo sentido, material de observação e material para a observação. Queremos assegurar que este tipo de trabalho, amplo e invisível, seja conhecido, confrontado, discutido e, naturalmente, criticado (...).”¹⁴

Outra voz que contribuiu para uma compreensão das fontes orais, não oficiais, das bases políticas e marginais para uma História antagônica, foi a de Danilo Montaldi. Ainda que em desacordo com Bosio sobre vários assuntos de estratégia política e criticando sua abordagem “filológica” como uma simples adoção acrítica do ponto de vista dos seus entrevistados, Montaldi compartilha a tensão política de Bosio (Bosio, não obstante, considerou a abordagem da documentação feita por Montaldi algo desdenhosa). Em sua obra sobre setores marginais e grupos das bases políticas não-hegemônicas e da esquerda, utilizou o enfoque das histórias de vida e estabeleceu, de um lado, a base para o estudo da subjetividade alternativa e, de outro, o uso das histórias de vida na investigação qualitativa das ciências sociais. Como Bosio, Montaldi nunca teve um posto na universidade: nos dois, tanto em seus enfoques políticos quanto culturais foram pouco convencionais, mesmo porque eles estavam pouco interessados naquele posto. Ambos interpretaram o trabalho cultural como organizativo e para a conscientização¹⁵.

¹⁴ Folheto anunciando a publicação de uma nova série de *I Giorni Cantati*, uma revista do Circolo Gianni Bosio, Roma, 1981.

¹⁵ Danilo Montaldi, *Autobiografie della leggera* (Turin: Einaudi, 1961); id., *Militanti politici di base* (Turin: Einaudi, 1971). Ver Enzo Campelli, "Note sulla sociologia di Danilo Montaldi: alle origini di una proposta metodologica," *La critica sociologica*, 49 (1977), pp. 26-50; Cesare Bermani, "Danilo Montaldi

Uma das principais influências sobre Bosio, como sobre toda a Antropologia italiana, foi exercida por Ernesto De Martino, um etnólogo e historiador das religiões que se esforçou por articular suas raízes no historicismo de Croce com o marxismo e suas preocupações políticas. Junto com uma geração de antropólogos e etnomusicólogos (principalmente Diego Carpitella, Alberto Mario Cirese e Roberto Leydi) que se empenharam as múltiplas estratificações da sociedade italiana, negada ou manipulada pelo Fascismo,¹⁶ Ernesto de Martino colocou o trabalho de campo no centro de sua investigação sobre a antiga cultura rural do sul da Itália e sua relação com a sociedade italiana contemporânea (a “Questão do Sul”) e com o levantamento anti-colonial no Terceiro Mundo. De Martino raramente se ocupou, de maneira direta, com assuntos da História moderna e contemporânea, e da coletânea de testemunhos históricos, em si e deste modo, sua obra não se pode associar diretamente à história oral. Não obstante, segue sendo um importante ponto de partida, tanto para a História Oral como para outras disciplinas, por várias razões. Entre elas, sua insistência em por o aparentemente arcaico fenômeno cultural, desde a possessão ritual até a magia, em sua perspectiva histórica e sua relevância contemporânea; sua consciência constante de que estava recolhendo suas informações de pessoas atuais e cidadãos de seu próprio país e sociedade; seu infatigável trabalho de campo.¹⁷

Como disse Cesare Bermani, De Martino foi o primeiro a praticar “uma maneira de investigar e de estar no mundo ao mesmo tempo, que foi compartilhado nos anos 50 e 60 por Danilo Montaldi e Gianni Bosio, dois ‘investigadores ativistas’, motivados por projetos muito distintos.” A estes nomes temos que somar, provavelmente, o de Rocco Scotellaro, um poeta, ativista político (como líder na luta por uma reforma agrária e prefeito da pequena cidade de Tricarico, na Lucânia, na região mais pobre do sul), e

e Gianni Bosio," in *Bosio oggi: rilettura di un'esperienza* (Mantova: Comune di Mantova, 1986), pp. 153-61; Stefano Merli, *L'altra storia. Bosio, Montaldi e le origini della nuova sinistra* (Milan: Feltrinelli, 1977); Nicola Gallerano, "L'altra storia' di Danilo Montaldi," in Istituto Ernesto De Martino, *Memoria operaia e nuova composizione di classe* (Rimini: Maggioli, 1986), pp. 197-204.

¹⁶ Diego CARPITELLA, "Profilo storico delle raccolte di musica popolare," *Studi e ricerche 1948-1960* (Roma: CNSMP [Centro Nazionale di Studi sulla Musica Popolare da Accademia de Santa Cecilia], 1960); D. CARPITELLA (ed), *L'etnomusicologia in Italia* (Palermo: Flaccovio, 1975); Alberto M. CIRESE, *Folklore e antropologia tra storicismo e marxismo* (Palermo: Palumbo, 1973); A. M. CIRESE, *Cultura egemonica e culture subalterne* (Palermo: Palumbo, 1973); Roberto LEYDI, *Canti sociali italiani* (Milão: Avanti!, 1963). Para uma seleção de escritos e documentos sobre as implicações políticas do folclore e da antropologia no pós-guerra na Itália, ver Pietro Clemente *et al.* (eds), *Il dibattito sul folklore in Italia* (Milão: Edizioni di Cultura Popolare, 1976).

¹⁷ Ernesto De Martino, *Il mondo magico. Prolegomeni ad una storia del magismo* (Turim: Einaudi, 1948); *Morte e pianto rituale nel mondo antico* (Turim: Einaudi, 1958); *Sud e magia* (Milan: Saggiatore, 1959); *La terra del rimorso. Contributo ad una storia religiosa del Sud* (Milão: Saggiatore, 1961); *Furore, simbolo, valore* (Milão: Saggiatore, 1962).

sociólogo rural, que começou a primeira coleta de histórias de vida de camponeses sulistas¹⁸. Como exemplo de seu enfoque, Bermani cita uma famosa passagem na qual De Martino descreve sua postura durante seu trabalho no campo para buscar um reconhecimento mútuo com seus “informantes”:

“Estar junto como ‘companheiros’, ou seja, encontrar-se junto com o objetivo de compartilhar uma história comum, era uma condição totalmente nova para a investigação etnológica (...) somente nesta paixão de buscar mudar o presente por uma realidade que valha a pena para os seres humanos, pude conceber uma paixão por conhecer o presente também naqueles aspectos que remetem a um passado recente, distante ou mesmo primitivo.”¹⁹

Há outro aspecto importante compartilhado por Bosio, Montaldi e De Martino: de diferentes maneiras, eles representaram uma esquerda anti-stalinista, libertária, situada nas bases das organizações, que eram uma minoria nos anos 50, mas que se converteu em protagonista dos movimentos estudantis e operários da década seguinte. Junto a uma tradição marxista alternativa (representada por Rosa de Luxemburgo no caso de Bosio) e com influência de pensadores do Terceiro Mundo e líderes como Amílcar Cabral, uma influência importante foi o redescobrimto de Antonio Gramsci, para além da interpretação oficial produzida pela liderança do Partido Comunista. O conceito de folclore de Gramsci, como expressão histórica da cultura das classes não-hegemônicas, por um lado, e sua prática de organização de base pautada na consciência da classe operária nos conselhos dos trabalhadores e em suas incursões na subjetividade possível graças a seu conceito de hegemonia, por outro, se converteram em uma herança permanente para a História Oral italiana.²⁰

O trabalho político cultural organizativo iniciado por Bosio se uniu com a criação do Instituto De Martino (1966) e com o trabalho de Cesare Bermani, que

¹⁸ Rocco Scotellaro, *Contadini del Sud* (Bari: Laterza, 1954); Vincenzo Padiglione, "Osservatore e osservato: problemi di conoscenza e rappresentazione. La vicenda Scotellaro", in *Problemi del Socialismo*, 20, 15 (1979), pp. 167-209; Alessandro Portelli, "Research as an Experiment in Equality" (também sobre a influência de De Martino e Gramsci).

¹⁹ Cesare Bermani, "Istituto Ernesto De Martino e Nuovo Canzoniere italiano. Quattordici punti di discussione con Glauco Sanga su un'esperienza di organizzazione della cultura emergente dal mondo popolare e proletario," in Istituto Ernesto De Martino, *Memoria operaia e nuova composizione di classe*, pp. 165-96; Ernesto de Martino, "Etnologia e cultura nazionale negli ultimi dieci anni," *Società*, IX, 3 (Setembro de 1953), pp. 18-19.

²⁰ Antonio Gramsci, "Osservazioni sul folklore," in *Quaderni dal carcere*, (Turim: Einaudi, 1985) vol. III, pp. 2309-17; Alberto M. Cirese, *Intelletuali, folklore e istinto di classe* (Turim: Einaudi, 1976); Cesare Bermani. "Gramsci operaista e la letteratura proletaria," *Primo Maggio*, 14 (Inverno de 1980-81), pp. 11-25; id., "Breve storia del Prol'etkult italiano," *Primo Maggio*, 16 (Inverno-Primavera, 1981-82), pp. 27-40. Para trabalhos de história oral sobre Gramsci, ver C. Bermani (ed), *Gramsci raccontato* (Roma: Edizioni Associate, 1987); Collettivo di ricerca del Circolo Gianni Bosio, "Osservazioni del folklore su Gramsci," *I Giorni Cantati*, 1(1981), pp. 32-45; *Re-reading Gramsci*, número especial do boletim *Il de Martino*, 3 (Setembro de 1994).

articulou o enfoque político e filosófico de Bosio com uma maior atenção às questões da imaginação e da expressão. A obra de Bermani, num total de mais de mil títulos, inclui, de um lado, controvertidas reconstruções históricas de episódios da luta anti-Fascista e partisan no norte, e de outro, coletâneas e análises de tradições musicais orais e estudos de magia na Itália do centro e do sul. Talvez, uma das maiores contribuições de Bermani tenha sido tornar uma prática a estratégia de Bosio de romper as barreiras entre a História e a Etnologia.²¹

Os laços entre o trabalho do Istituto De Martino e os crescentes movimentos estudantis e operários dos anos 1960 foram reforçados pela criação de uma rede de organizações. A mais duradoura e ativa delas foi a Liga de Cultura de Piadena (Cremona, Itália), estabelecida em princípios dos anos 60 por um grupo de intelectuais operários e ativistas²²; e o Círculo Gianni Bosio (Roma), um coletivo de músicos, folcloristas e historiadores orais ativistas, fundado em Roma no ano de 1972, logo após a morte prematura de Bosio. Durante os anos 70 e parte dos 80, com o trabalho de Susanna Cerboni²³, Alfredo Martini, Marco Muller, o meu próprio e outros, o Círculo Gianni Bosio levou a cabo projetos de história oral em Roma, Lazio, Úmbria e Calábria. Sua revista, *I Giorni Cantati* (1973-1995), por muitas razões, uma precursora do enfoque dos estudos culturais (“cultural studies approach”), publicou documentos de história oral e ensaios, como também música folclórica e cultura popular.²⁴

Outras publicações da Nova Esquerda, entre o final dos anos 60 e os anos 80, incluíram a história oral na discussão sobre o que foi a chamada “história militante” e “subjetividade antagônica”. *Il nuovo Canzinere italiano* apresentou os trabalhos realizados no ou relacionados com o Istituto De Martino. *Primo Maggio*, também

²¹ Cesare Bermani, *L'altra cultura. Interventi, rassegne, ricerche. Riflessi culturali di una milizia politica* (Milão: Edizioni del Gallo, 1970); *Pagine di guerriglia* (Milão: Sapere, 1971); *La battaglia di Novara* (Milão: Sapere, 1972); *L'oro di Pestarena* (Milão: Sapere, 1973); "Dieci anni di lavoro con le fonti orali"; *Il bambino è servito. Leggende metropolitane in Italia* (Bari: Dedalo, 1991).

²² La Lega: dieci anni di attività delle leghe di cultura e dei gruppi del cremonese e del mantovano, Lega di Cultura di Piadena (Cremona, 1975).

²³ Susanna Cerboni, "Ruoli generazionali e cultura tradizionale a Guardavalle," in *I Giorni Cantati*, 13 (1979); id., "Guardavalle, Calabria. Trasformazioni di una ricerca," *I Giorni Cantati*, 4 (1983), pp. 22-28.

²⁴ *I Giorni Cantati* foi publicada sob diferentes formatos (boletim mimeografado, revista de investigações, publicação de massa) entre 1973 e 1995. Antologias desta revista encontram-se no Círculo Gianni Bosio, *I Giorni Cantati. Vita quotidiana e cultura popolare a Roma e nel Lazio* (Milão: Mazzotta, 1983); Alfredo Martini and Alessandro Portelli (eds), *Memoria e resistenza umana. Vent'anni di Circolo Gianni Bosio* (Roma: Circolo Gianni Bosio, 1991). Ver também Alessandro Portelli, "Ricerca sul campo, intervento politico, organizzazione di classe: il lavoro del Circolo Gianni Bosio," in P. Angelini *et al.*, *Studi antropologici e rapporti di classe* (Milão: Franco Angeli, 1980), pp. 190-200; id., "Memory and Human Resistance: For a History (and Celebration) of the Circolo Gianni Bosio," in *The practice of Oral History. The Battle of Valle Giulia and Other Stories* (Madison: University of Wisconsin Press, forthcoming).

publicado em Milão, combinou documentação militante sobre a autonomia contemporânea das classes operárias com profundas análises históricas e teóricas; publicou algumas das primeiras discussões teóricas e metodológicas realizadas sobre História Oral e também a contribuição de historiadores da classe operária norte-americana como Bruno Cartosio e Peppino Ortoleva.²⁵ *Obre Rosse*, uma revista dedicada principalmente à política, ao cinema e à literatura, publicou também algumas das primeiras discussões da História Oral no marco da “subjetividade antagônica”.²⁶

A relação entre a subjetividade e a memória nas ações da classe operária foi o centro do debate. Para certo número de intelectuais radicais da esquerda, identificados com a chamada “área de autonomia operária” (Autonomia Operaia), a autonomia cultural e política da classe trabalhadora como sujeito histórico se encontrou exatamente na falta de memória. Sem o lastro das práticas anteriores, de organizações, de tradições, a classe trabalhadora poderia atuar por si mesma, refazendo sua própria composição diretamente sobre a base de produção. De outro lado, os historiadores ativistas do Instituto De Martino, *Primo Maggio, I Giorni Cantati* insistiram que a memória não era um depósito de informações mortas, senão um processo ativo, e que, então, a capacidade da classe operária de gerar e de elaborar a memória era uma parte necessária de qualquer idéia de subjetividade. A percepção de Bosio de como a classe operária urbana estava enraizada na história dos modos de viver pré-industriais, em luta e resistência, lhe permitiram transpor as análises de De Martino e de Gramsci do mundo rural para o mundo industrial, identificando, desta maneira, uma “autônoma” (não separada, ao estar unida na luta) história das classes operárias que estava baseada numa contínua memória antagonista ou ao menos independente de resistência e de identidade. Este enfoque foi reforçado mais tarde por contribuições a partir da História Oral de Cesare Bermani e por mim, de um lado, e de Bruno Cartosio (também se baseando na obra de Herbert Gutman e George P. Rawick).²⁷

²⁵ Além dos títulos já mencionados, outras contribuições de história oral ou disciplinas afins publicadas em *Primo Maggio*: C. BERMANI, "Dieci anni di lavoro con le fonti orali"; id., "La Volante rossa (Estate 1945- / fevereiro de 1949)", 9-10 (1977), pp. 81-106; A. PORTELLI, "Sulla diversità della storia orale"; Sergio BOLOGNA, "Otto tesi per la storia militante," 11 (1977-78), pp. 60-65.; Cesare Bermani and Bruno CARTOSIO, "Dieci anni di Primo Maggio," 19-20 (Inverno de 1983-84), pp. 22-25.

²⁶ Alessandro TRIULZI, "Storia dell'Africa e fonti orali," *Quaderni storici*, 35 (1977).

²⁷ Ver Instituto Ernesto De Martino, *Memoria operaia e nuova composizione di classe. Problemi e metodi della storiografia sul proletariato* (Rimini: Maggioli, 1986), originada de uma conferência organizada pelo Instituto De Martino and *Primo Maggio* em Rimini, outubro de 1981 (entre as relevantes comunicações: Sergio BOLOGNA, "Memoria operaia e rifiuto della memoria operaia," pp. 459-64; Brunello MANTELELLI, "Il dinosauro presbite.' Per una riflessione sul sapere storiografico degli anni '70 e la crisi attuale," pp. 419-27", e a transcrição das discussões). Ver também Sergio BOLOGNA, "Otto

3. Até a metade dos anos 70, alguns círculos universitários mais estabelecidos começaram a prestar atenção à história oral. A conferência “Antropologia e História: Fuentes Orales” (Bolonha, 1976) chegou a reunir um bom número de cientistas internacionais e vários conhecidos antropólogos italianos. Os reconhecidos historiadores italianos fizeram-se notar por sua ausência (com a exceção de africanistas) e o trabalho do Instituto De Martino foi minimamente reconhecido. A conferência reafirmou a dimensão interdisciplinar do trabalho com fontes orais, e intentou criar uma base epistemológica para o seu uso.²⁸ Ao final, sem dúvida, fracassou o intento de criar novas investigações históricas com fontes orais e trabalho de campo. Os círculos universitários que haviam organizado a conferência se desinteressaram de imediato pela questão.

Uma das razões foi que a história oral foi introduzida amplamente como algo importado, principalmente, dos britânicos, ignorando ou rejeitando uma velha tradição italiana de 20 anos. Uma contribuição importante para a compreensão da experiência britânica foi a antologia de Luisa Passerini, *Storia orale* (1980).²⁹ Embora Passerini apresentasse exemplos da recente experiência da História Oral britânica e norte-americana, sua introdução foi mais além dos temas da vida cotidiana e da cultura material, que são os temas que dominaram sua seleção de ensaios e fundamentou o que se converteria numa crucial contribuição para a especificidade da História Oral italiana no futuro: o papel da subjetividade, o uso de conceitos psicológicos e ferramentas para a interpretação de narrativas e o estudo dos mecanismos da memória.

A obra de Passerini nos anos 70 estabeleceu uma relação com a tradição italiana de estudos sobre a classe operária, que realçavam a insurgência dos trabalhadores no final da década de 1960 e início da de 1970. Ao estudar as comunidades operárias da capital industrial italiana, Turim, Passerini foi consciente desde o princípio da importância das atitudes subjetivas de um lado e da forma da narrativa de outro. Numa tradição histórica italiana que se centrou principalmente sobre as relações materiais dos

tesi sulla storia militante”; id., “Contro il revisionismo storiografico,” *I Giorni Cantati*, 13 (março de 1990), pp. 44-6.

²⁸ Bernardo BERNARDI, Carlo PONI, Alessandro TRIULZI, *Fonti orali. Antropologia e storia* (Milão: Franco Angeli, 1978); *Quaderni Storici*, special issue, XX, 35 (1977); Cesare BERMANI & Sergio BOLOGNA, “Soggettività e storia del movimento operaio,” *Il Nuovo Canzoniere italiano*, 4-5 (março de 1977), pp. 7-36. Para um comentário, ver Alfredo MARTINI, “L’uso delle fonti orali negli studi antropologici e nella storiografia contemporanea,” *Il Mulino*, 249 (1977), pp. 125-32.

²⁹ Luisa PASSERINI, *Storia orale. Vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne* (Turim: Rosenberg e Sellier, 1978). A introdução foi republicada como “Conoscenza storica e fonti orali”, em *Storia e soggettività. Le fonti orali, la memoria*, pp. 31-65.

trabalhadores com os mecanismos da produção e sobre sua relação política com as organizações, sindicatos e partidos, Passerini se centrou nas atitudes e ideologias relativas ao trabalho e nas expressões e silêncios dos estratos menos visíveis da comunidade operária. A definição de Passerini da subjetividade distou da utilizada então no debate sobre a autonomia operária, no qual ela se preocupou com a subjetividade dos indivíduos, bem como com o trabalho da classe operária, abarcando um grau mais alto de complexidade e contradição. A subjetividade, argumentou ela, pode ser uma postura antagonista, mas também pode ser a base da subordinação, da manipulação, da integração e para a criação de estereótipos. Com o objetivo de estabelecer parâmetros para converter a “subjetividade em objeto e fonte de procedimentos científicos”, Passerini utilizou os conceitos de mentalidade (Durkheim) e memória coletiva (Halbwachs), como também conceitos da psicanálise (P.W. Winnicott) e da História e teoria da autobiografia. Em seu trabalho posterior, Passerini estendeu este enfoque de “história e subjetividade” ao estudo da história e da biografia de mulheres.³⁰

A História das mulheres foi, provavelmente, o único terreno no qual os assuntos políticos e a prática científica inovadora foram reconhecidos, passando a ser, em vez de antagonistas, complementares. O movimento de mulheres criou uma geração de historiadores que foram reconhecidos pelos cientistas e pelos dedicados à política. Temas como a subjetividade, a relevância do indivíduo, a história da vida privada, foram compartilhados pela história das mulheres e pela história oral em geral. O Centro de Documentação sobre mulheres em Bolonha e a revista *Memoria* colecionaram, publicaram e expuseram fontes orais para a história e a cultura das mulheres;³¹ “Astrea”, uma série de livros sobre narrativas de mulheres coordenada por Roberta Mazzanti,

³⁰ Luisa PASSERINI, "Diritto all'autobiografia", in *Storia e soggettività*, pp. 2-30; "Per una critica ica storica dell'oralità", *ibid.*, pp. 104-53 (publicado primeiramente em *Papers Presented to the International Oral History Conference*, Amsterdã, 22-24 Outubro de 1980; *Torino operaia e fascismo. Una storia orale* (Bari: Laterza, 1984); "Italian Working Class Culture Between the Wars: Consensus to Fascism and Work Ideology," *International Journal of Oral History*, 1 (1980); *Storie di donne e di femministe* (Turim: Rosenberg e Sellier, 1991). Para uma discussão da subjetividade na história oral, com contribuições italianas como as de Luisa Passerini e Alessandro Portelli, bem como de outras escolas europeias, ver *International Journal of Oral History*, 1 (1985), pp. 3-46.

³¹ Anna BRAVO, Luisa PASSERINI, Simonetta Piccone STELLA, "Modi di raccontarsi e forme d'identità nelle storie di vita," *Memoria*, 8 (1983), pp. 101-3; Franca FOSSATI, *Fonti orali e politica delle donne: storia, ricerca, racconto* (Centro di Documentazione, Ricerca e Iniziativa delle Donne: Bolonha, 1983). Ver também Anna BRAVO and Lucetta SCARAFFIA, "Ruolo femminile e identità delle contadine delle Langhe: un'ipotesi di storia orale," *Rivista di storia contemporanea*, 1 (1979), pp. 21-55; Luisa PASSERINI, Rappresentazioni del lavoro nella memoria delle donne e autorappresentazioni del lavoro di ricerca," e Lidia PICCIONI, "L'intervista tra donne: similarità e differenza," ambas em *I Giorni Cantati*, 4 (1983), pp. 29-35 e 36-41.

publicou várias autobiografias orais de mulheres italianas e do Terceiro Mundo.³² Como disse Pietro Clemente, um ponto de vista de gênero e a influência geral do pensamento feminista impregnam o melhor da História Oral italiana dos anos 70 e 80. Temas e contribuições de mulheres dominaram as participações italianas nas conferências internacionais sobre História Oral.

Outro ponto de contato entre os enfoques científicos e os ativistas se encontra nos Institutos da História da Resistência, uma rede nacional de centros locais de investigação e de arquivos dedicados à história do anti-fascismo. Nos institutos, diferentes investigadores se uniram e trabalharam juntos, incluindo historiadores universitários progressistas, historiadores locais e investigadores ativistas. Nem sempre foi uma coexistência pacífica. Como escreveu Cesare Bermani, na conferência dos institutos sobre “História da Itália, História da Resistência e História Local” (Rimini, 1981), o debate sobre fontes orais foi a ocasião pra tomar partido a favor ou contra a demanda da história social, que havia aparecido depois dos movimentos de 1977, em favor ou contra as formas da história radical”. Alguns dos historiadores mais reconhecidos da conferência rebateram isto, igualando virtualmente em cumplicidade a história oral com o terrorismo e a subversão.³³

Os Institutos da Resistência, não obstante, continuaram seu trabalho com fontes orais. Em Turim, o Instituto da Resistência local e o Instituto Gramsci decidiram realizar o primeiro encontro nacional sobre história oral (Turim, 1981).³⁴ Nesta ocasião, o boletim *Fonti Orali* (1981- 1987) foi criado para coordenar o trabalho local, de massa e universitário com fontes orais na história, antropologia e folclore. Finalmente, uma conferência sobre o uso de fontes orais na educação (“Ensinar Anti-Fascismo e a Resistência: educação e fontes orais”, Veneza, 1982) reuniu a universitários,

³² Elsa JOUBERT, *Il lungo viaggio di Poppie Nongena* (1987); Elisabetta BURGOS, *Mi chiamo Rigoberta Menchú* (1987); Luisa PASSERINI, *Autoritratto di gruppo* (1988); Marcella FILLIPA & Giorgina Arian LEVI, *Avrei capovolto le montagne* (1991); Carla CORSO & Sandra LANDI, *Ritratto a tinte forti* (1991); Salwa SALEM, *Con il vento nei capelli* (1993); Bruna PAYROT, *Oltre le nuvole. Storia di una curatrice d'anime* (1994); também publicado por Giunti (Florença).

³³ Cesare Bermani, "Introduzione" to *Memoria operaia e nuova composizione di classe*, p. xxvii-xxviii. Ver as respostas dos professores Giuliano Ventura e Giuliano Manacorda (em contraposição à minha comunicação sobre as oficinas de história oral) como esta relatado no resumo das comunicações da conferência *Italia contemporanea* (Julio-Setembro, 1979), pp. 100-26, e como está registrado oralmente na fita a introdução de de Cesare Bermani. A imprensa oficial comunista da época também se apresentou por um número de ataques sobre a “contiguidade” intrínseca do trabalho dos historiadores radicais e historiadores orais com o terrorismo: ver *ibid.*, pp. xx-xxi. A acusação de Clemente de que a história oral italiana está caracterizada principalmente por uma “utilização política ou polêmica das fontes” é uma tardia manifestação desta posição.

³⁴ *Atti del Convegno sulle fonti orali*, Turim, 17 de janeiro de 1981, relatório mimeografado pelo Instituto Gramsci, Turin, 1981.

pesquisadores e docentes. Embora tenha fracassado em estabelecer uma base comum ao intercâmbio entre as necessidades científicas da investigação histórica e os enfoques diretos utilizados pela educação, o evento pode sinalizar um interesse pela história oral por parte dos educadores, que continua até hoje, ainda que não esteja fortemente reconhecido ou estimulado.³⁵

As vertentes ativistas e universitárias da história oral italiana, sem dúvida, se mantiveram bem separadas. Intentos de uni-las, como a conferência organizada em Terni por *I Giorni Cantati* e *Fonti Orali*, fracassaram, ainda que as comunicações incluíssem um número de excelentes contribuições interdisciplinares.³⁶ Enquanto alguns críticos atribuíram este fracasso à politização excessiva e à atitude anti-intelectual dos historiadores orais,³⁷ outros o viram como decorrente da relutância do mundo universitário em permitir práticas, idéias e temas que ele não pudesse controlar – como se confirma no fracasso da universidade por desenvolver até agora uma contribuição significativa para este campo. O intento de criar uma sociedade nacional de historiadores orais (na conferência promovida pelo Instituto De Martino em Mantova, em 1984)³⁸, fracassou pelas mesmas razões, como também pela crescente desintegração dos movimentos sociais, que alguns dos promotores da iniciativa haviam tomado como referência cultural e política.

4. Três temas dominaram a discussão sobre a história oral perpassando estas diferenças: confiabilidade, representatividade, forma. Eles podem ser considerados a partir do ponto de vista de três áreas: História, Sociologia, Literatura (e, mais superficialmente: Antropologia). A historiografia italiana foi dominada em grande medida pela convicção de que as fontes de arquivo, escritas e institucionais, possuíam um alto grau de “objetividade”, o que as tornava mais confiáveis do que as fontes orais,

³⁵ La storia: fonti orali nella scuola (Veneza: Marsilio, 1982), introdução de Guido Quazza; Paola FALTERI, G. LAZZARIN (eds), Tempo, memoria, identità. Orientamenti per la formazione storica di base raccolti e proposti dal Gruppo nazionale di Antropologia Culturale del Movimento di Cooperazione Educativa (Florença: Nuova Italia, 1986). Para um relato sobre um projeto de educação utilizando história oral com crianças deficientes, Adriana DONDONA e Mauro MARCELLI, "Memoria e identità," *I Giorni Cantati*, 21\22 (Junho de 1994), pp. 43-44. A História Oral foi usada frequentemente em projetos denominados "cursos de 150 horas" financiados pelos sindicatos nos anos 1970: ver Lidia PICCIONI & Alfredo MARTINI, "Autobiografia e oralità. Un intervento didattico a Roma," in *I Giorni Cantati*, 1 (1981), pp. 195-204. Para um projeto de história oral envolvendo estudantes de escolas secundárias sobre uma história de seus bairros, Liceo Scientifico Statale Giambattista Morgagni, Storia del quartiere di Donna Olimpia (Roma: CISD, 1985).

³⁶ Paola BERTELLI, "Fra storia e fonti orali," *La Critica Sociologica*, 66 (1983), pp. 148-50.

³⁷ P. CLEMENTE, "Debate sobre las fuentes orales en Italia."

³⁸ Cesare Bermanni *et al.*, "Per una associazione di storici orali," *Fonti orali*, VII, 4 (1987).

dependentes dos vacilos da memória e da subjetividade.³⁹ Esta perspectiva reconhecia as fontes orais, quando muito, numa função “subordinada e auxiliar”, como uma questão “marginal” da “evidência documental”. As fontes orais deviam ser tratadas como “testemunhos” e serem usadas somente pelo valor referencial que podiam ter.⁴⁰ Todos os possíveis cuidados deveriam ser tomados para impedir a contaminação da evidência documental pela subjetividade das fontes orais.

A resposta dos historiadores orais era de duas formas. Cesare Bermani demonstrou que as fontes orais, tratadas de forma crítica e apropriada, podem dar tanta informação factual confiável como qualquer outra fonte.⁴¹ A minha própria contribuição, por outro lado, fazia-se a partir da asserção de que as fontes orais têm uma forma “diferente” de confiabilidade, que é exatamente a sua subjetividade. Por incluir o erro, a imaginação, o desejo, as fontes não só revelam a história acerca do que aconteceu, senão que também o significado da história; o significado (como se apresenta através da forma narrativa e lingüística), mais que o “fato”, é o que distingue a história oral e a torna um mecanismo necessário para a história da subjetividade.⁴² A partir de um ângulo diferente, Luisa Passerini firmou, ao mesmo tempo, os mesmos apontamentos em seus seminais estudos sobre o “silêncio” nas narrativas de mulheres sobre o Fascismo e sua crítica do conceito e das estruturas da memória “coletiva”.⁴³

Outra crítica ingênua por parte dos historiadores tradicionais contra a prática da história oral foi, que, como indica a fórmula, “não se pode fazer história somente com fontes orais”. Esta objeção foi rebatida na prática e na teoria. Na prática, qualquer

³⁹ Nicola Gallerano, "Fonti orali, fonti scritte e il mestiere di storico," *I Giorni Cantati*, 21\22 (junho 1994), pp. 40-42, descreve e critica estas atitudes do ponto de vista de um historiador profissional.

⁴⁰ Uma posição típica desta concepção, vinda de um historiador, pode ser vista em Renzo DE FELICE, prefaciado por Sergio ZAVOLI, *Nascita di una dittatura* (Milão: Mondadori, 1983); ver também o comentário crítico de Giuliana BERTACCHI, "Esperienze didattiche degli istituti della Resistenza e uso delle fonti orali," in *La storia: fonti orali nella scuola*, p. 44. Uma mais articulada, mas igualmente de rejeição das entrevistas como fontes históricas está em Ernesto RAGIONIERI, "Considerazioni sugli studi locali," *Emilia* (Dezembro de 1952), p. 32.

⁴¹ C. BERMANI, "Dieci anni di lavoro con le fonti orali."

⁴² A. Portelli, "Sulla specificità della storia orale"; id., "L'assassinio di Luigi Trastulli. Terni 17 marzo 1949. La memoria e l'evento," *Segno critico*, 4, (Perugia, 1980), pp. 115-42; id., "Una storia sbagliata: memoria operaia e mondi possibili," *I Giorni Cantati* 1 (1981), pp. 13-31; "The Time of My Life: Functions of Time in Oral History," *International Journal of Oral History*, 2, 3 (November 1981), pp. 162-180 [trad. em português, "O momento da minha vida: funções do tempo na história oral", in Déa FENELON et alli (org.), *Muitas memórias, outras histórias* (São Paulo: Olho D'Água, 2004); "Con inni e bandiere. Il conflitto culturale nello sciopero di Harlan," in R. BOTTA et al., *La cultura delle classi subalterne fra tradizione e innovazione* (Alessandria: Edizioni dell'Orso, 1988), pp. 151-68. Todos estes artigos estão incluídos, numa versão em inglês, in *The Death of Luigi Trastulli*.

⁴³ Luisa Passerini, "Soggettività operaia e fascismo: indicazioni di ricerca sulle fonti orali," *Annali della Fondazione Giangiacomo Feltrinelli*, 20 (1979-80), pp. 285-314; pós-fácio a Maurice Halbwachs, *La memoria collettiva* (Milão: Unicopli, 1987).

trabalho sério de história oral na Itália – desde Bosio até Bermani, desde Passerini até Contini, dentre os quais eu e outros se incluem – se distingue pela extensão da investigação em arquivos, de fontes escritas e orais que se pretendam interagir umas com as outras para revelar seu caráter específico e diferente. Ainda assim, em qualquer conferência ou encontro, foi irritante ter que contestar aquele clichê de “cientistas” que nem sequer haviam lido o que estavam criticando.⁴⁴

Estes cientistas opuseram-se menos aos já reconhecidos limites e falhas da história oral do que a reestruturação radical da prática e da teoria da História e das ciências sociais em geral. Como o especificou Nicola Gallerano (que não era historiador oral), o “descobrimento” das fontes orais estabelece questões sobre a formação e parcialidade das fontes, sobre o papel do observador, sobre a contextualização social e histórica, o que desmonta a pretensão de objetividade inerente à todas as fontes históricas e coloca como central a questão da subjetividade (das fontes e do historiador) na historiografia. De fato, o argumento deveria ser devolvido: quando as fontes orais estão disponíveis, não tem sentido algum continuar, como o faz a maior parte dos historiadores, usando somente documentos de arquivo para fazer a História contemporânea⁴⁵.

Não surpreende, então, que o uso mais inteligente das fontes orais por um historiador “metódico” possa ser encontrado na obra definitiva de Claudio Pavone sobre a Resistência.⁴⁶ Tendo sido um partisan, Pavone entrou em contato com a história oral através dos Institutos de História da Resistência. Seu livro não pretende reconstruir os fatos, do que “realmente aconteceu”, senão explorar o significado e a ética e, portanto, a dimensão subjetiva da guerra partisan, utilizando de maneira ampla e inteligente as fontes orais e o trabalho de outros historiadores orais.

⁴⁴ Veja, por exemplo, o debate na conferência sobre "Oral History and Life Stories" (Trieste, novembro 1985), in Liliana Lanzardo, *Storia orale e storie di vita* (Milão: Franco Angeli, 1988), p. 129-58; Alessandro Portelli, "La verdad del corazón humano: los fines actuales de la historia oral," *Historia y fuente oral*, 2 (1989), 91-97. Parte desta atitude foi gerada por uma compreensão equivocada de que a "história oral" significa o uso exclusivo da fonte oral, ao invés de, como se entendem em nível mundial e se apresenta aqui, um tipo de pesquisa histórica baseada no uso sistemático e crítico, mas não exclusivo, da fonte oral. Neste sentido, "história oral" é um termo mais restritivo do que diz a fórmula de Bosio, "o uso da fonte oral na historiografia", no sentido usado por este último e que poderia também ser aplicado na história convencional, a qual faz um uso casual ou secundário de um limitado número de entrevistas. Para uma discussão terminológica, ver também L. Passerini, "Fonti orali: utilità e cautele," *Storia e storie*, 3 (1980), pp. 4-18.

⁴⁵ Nicola Gallerano, "Fonti orali, fonti scritte e il mestiere di storico"; A. Portelli, "What Makes Oral History Different"; Luisa Passerini, "Conoscenza storica e fonti orali."

⁴⁶ Claudio PAVONE, *Una guerra civile. Saggio sulla moralità nella Resistenza* (Turim: Boringhieri, 1991).

Outro sinal promissor era o compromisso dos historiadores orais e antropólogos, em colaboração com outros historiadores, no projeto de investigação sobre o massacre nazista em Civitella della Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944) e na conferência final (Arezzo, junho de 1994). Tornava-se possível o primeiro diálogo frutífero, sobre uma base de respeito mútuo, entre historiadores “padrões” e historiadores “orais”.⁴⁷

Não obstante, a despeito destas exceções, um uso especificamente histórico das fontes orais se encontra principalmente em áreas “marginais” da investigação histórica: história local e regional, incluindo o estudo da sociedade rural e industrial contemporânea; história do trabalho e da classe operária num contexto urbano, separando-se a cultura material e as experiências políticas (principalmente anti-Fascismo e a Resistência); e incluindo também a história de mulheres, a história da vida privada, dos sentimentos e da família. Um livro como o de Liliana Lanzardo sobre parteiras no Vêneto, articula os três aspectos de localidade, trabalho e gênero.⁴⁸

Talvez, o mais notável exemplo de um extenso e sensível uso de fontes orais para reconstruir uma cultura específica local e rural possa ser visto na obra de Nuto Revelli sobre as empobrecidas montanhas do Piemonte, na sua província natal de Cúneo. A obra de Revelli cobre temas como a pobreza rural, migrações, a memória e a experiência de guerra e a Resistência, o papel central das mulheres (“o laço forte” na produção da sociedade e na teia da memória), e é representativa de um número de estudos de história oral sobre culturas rurais e pré-industriais na Itália.⁴⁹

O número de projetos que utilizam a história oral para temas relacionados com o trabalho, os sindicatos, os partidos da classe operária e a política, é demasiado amplo (e

⁴⁷ A. Portelli, "Lutto, senso comune, mito e política nella strage di Civitella Val di Chiana," in Leonardo Paggi (ed), *Storia di un massacro ordinario. Civitella della Chiana, 29 giugno 1944* (Roma: Manifestolibri, 1996), também publicado em *The Practice of Oral History. The Battle of Valle Giulia and other Stories* [traduzido para o português em Marieta M. FERREIRA & Janaina AMADO (org.), *Usos e abusos da História Oral* (Rio de Janeiro: Ed.FGV, 1996), sob o título “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum]. As comunicações da conferência, incluindo outros trabalhos de historiadores orais (Giovanni Contini) e antropólogos (Pietro Clemente, Valeria di Piazza and others) também foram publicados.

⁴⁸ Liliana LANZARDO, *Il mestiere prezioso. Le ostetriche raccontano* (Turim: Forma, 1985).

⁴⁹ Nuto REVELLI, *Il mondo dei vinti. Testimonianze di vita contadina* (Turim: Einaudi, 1977); *L'anello forte. La donna: storie di vita contadina* (Turin: Einaudi, 1985). Sobre história oral da sociedade rural e formas de produção, ver Rocco SCOTELLARO, *Contadini del Sud*; Giovanni RINALDI & Paola SOBRERO, *La memoria che resta. Vissuto quotidiano, mito e storia dei braccianti del basso Tavoliere* (Napoles: Amministrazione Provinciale di Capitanata, 1981); Marco MIETO & Maria Grazia RUGGERINI, *Il proletariato invisibile. La manifattura della paglia nella Toscana mezzadrile* (Milão: Franco Angeli, 1991); Luciano ARDICCIONI & Giovanni CONTINI, *Vivere di coltelli. Per una storia dell'artigianato dei ferri taglienti a Scarperia* (Florêça: Centro Editoriale Toscano, 1989). Sobre migrações, ver Renato CAVALLARO, *Storie senza storia. Indagine sull'emigrazione calabrese in Gran Bretagna* (Roma: Centro Studi Emigrazione, 1981).

demasiado disperso em publicações locais) para enumerá-los rapidamente. Entre os enfoques temáticos e estruturais mais frequentes, se encontram histórias de empresas⁵⁰, histórias de cidade industriais⁵¹, estudos de comportamento político e das participações das bases, estudos sobre os processos de tecnologia do trabalho⁵² e posturas adotadas ante estes processos.⁵³

Enquanto relativamente poucos estudos se referiam a expressiva quantidade de narrativas sobre a Primeira Guerra (provavelmente, porque se considera demasiado comum)⁵⁴, a história do Fascismo e do Anti-Fascismo era de grande interesse para os historiadores orais. A questão do “consentimento” foi crucial na discussão daquele período da história italiana, e o enfoque da história oral sobre a subjetividade se demonstrou particularmente apropriada para este tipo de investigação, sobretudo porque

⁵⁰ Giovanni CONTINI, *Memoria e storia. Le officine Galileo nel racconto degli operai, dei tecnici, dei manager* (Milão: Franco Angeli, 1985); Dario BIGAZZI, *Il Portello. Operai e dirigenti all'Alfa Romeo di Milano* (Milão: Franco Angeli, 1989); Liliana LANZARDO, *Classe operaia e partito comunista alla Fiat (1945-1948)* (Turim: Einaudi, 1971); id., "Fonti orali e storia della classe operaia: indagini sulla coscienza di classe alla Fiat," *Rivista di storia contemporanea*, 2 (1981), pp. 255-80; id., "Class Consciousness and the Fiat Workers of Turin since 1943," in P. THOMPSON (ed.), *Our Common History*, pp. 79-89; Salvatore RUJU, *Via delle conce. Storia e memoria dell'industria del cuoio a Sassari* (Sassari: Libreria Dessì Editrice, 1990); Marco MIETTO & Maria Grazia RUGGERINI, *Storie di fabbrica. Operai metallurgici a Reggio Emilia negli anni '50* (Turim: Rosenberg e Sellier, 1988); Marcella FILLIPPA, *Mia mamma mi raccontava che da giovane andavano a fare i mattoni...* (Alexandria: Edizioni dell'Orso, 1982); Maurizio GRIBAUDI, "Storia orale e struttura del racconto autobiografico," *Quaderni storici*, 39 (1978), pp. 1131-46; id., *Mondo operaio e mito operaio. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo Novecento* (Turin: Einaudi, 1987); Daniele JALLÀ, "Perché mio papà era ferroviere... Una famiglia operaia torinese nei primi del Novecento," *Rivista di storia contemporanea*, 1 (1980); *Fonti orali e cultura materiale*, seção especial em *Rassegne degli Archivi di Stato*, 1-2 (janeiro-agosto de 1988), pp. 250-303.

⁵¹ Alessandro PORTELLI, *Biografia di una città. Storia e racconto. Terni 1831-1984* (Turim: Einaudi, 1985); Lidia PICCIONI, *San Lorenzo. Un quartiere romano durante il fascismo* (Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1984); Alfredo MARTINI, *Biografia di una classe operaia. I cartai della Valle del Liri* (Roma: Bulzoni, 1994).

⁵² Maurizio Carbognin and Luigi Paganelli, *Il sindacato come esperienza* (Rome: Edizioni Lavoro, 1981); Arnaldo Nesti, *Anonimi compagni. Le classi subalterne sotto il fascismo* (Roma: Coines, 1976); L. Li Causi, *Il partito a noi ci ha dato! Antropologia politica di una sezione comunista senese nel dopoguerra* (Siena: Periccioli, 1993); Patrizia Ramondino, *Napoli: i disoccupati organizzati. I protagonisti raccontano* (Milan: Feltrinelli, 1977); Sesa Tatò, ed., *A voi cari compagni. La militanza sindacale ieri e oggi* (Bari: De Donato, 1981).

⁵³ R. BOTTA, F. CASTELLI, B. MANTELLI (eds), *La cultura delle classi subalterne fra tradizione e innovazione*; Giovanni CONTINI & Alfredo MARTINI, *Verba Manent. L'uso delle fonti orali per la storia contemporanea* (Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1993), pp. 37-41; Annamaria RIVERA, "Donne e lavoro contadino in Puglia," in Istituto De Martino, *Memoria operaia e composizione di classe*, p. 111-20; Roberto PINCELLI, Katia SONETTI, Silvano TACCOLA, "Coscienza e soggettività dentro una città fabbrica: Piombino 1944/1956," *ibid.*, pp. 223-43; Alessandro PORTELLI, "Sport, lavoro e politica in una città industriale," *ibid.*, pp. 263-92; Giovanni BONINELLI, "Tecnici e operai di fronte all'informatica: l'esperienza di Dalmine," *ibid.*, pp. 439-57; Roberto BOTTA, "L'operaio e la macchina. Aspetti della soggettività operaia all'Ilva di Novi Ligure: per un uso delle fonti orali," *Rassegne degli Archivi di Stato*, 1-2 (1988), pp. 280-90.

⁵⁴ Diego LEONI & Camillo ZADRA, *La grande guerra* (Bolonha: Il Mulino, 1989); Anna BRAVO, "Italian Peasant Women and the First World War," in P. Thompson, ed., *Our Common History*, pp. 157-70. Para memórias sobre a I Guerra Mundial, ver Nuto REVELLI, *Il mondo dei vinti*.

ela adentrou a memória e a consciência de pessoas silenciadas, politicamente invisíveis, especialmente mulheres. Luisa Passerini, Bianca Guidetti Serra, Lúdia Beccaria Rolfi, Anna Maria Bruzzone, Laura Mariani exploraram a experiência de mulheres na luta contra o Fascismo, na Resistência, nas prisões Fascistas e em campos de concentração nazista.⁵⁵ O testemunho de 200 sobreviventes dos campos de concentração, colhidos por vários pesquisadores num projeto que durou vários anos, reunidos e editados por Anna Bravo e Daniele Jallà (*La vita offesa*) é um dos produtos mais comoventes da história oral italiana.⁵⁶

As origens antagônicas da história oral italiana e a crença dos historiadores italianos na primazia dos documentos escritos, limitou também seriamente a prática de uma história oral da elite. Uma associação de história oral, constituída por reconhecidos historiadores universitários no princípio dos anos 1980, organizou uma conferência sobre formas de entrevistas no jornalismo, no folclore e na história, e algumas entrevistas com diplomatas e alguns outros. Nenhum dos professores e pesquisadores que tem seus trabalhos citados neste ensaio foi convidado (nem eles foram voluntariamente). O crescente interesse na história dos negócios, da organização de empresas e de empresários expressa-se no extenso livro de Giampaolo Gallo, a partir da autobiografia oral do industrial Bruno Buitoni.⁵⁷

Talvez, o uso mais sistemático de fontes orais para a investigação histórica, *stricto sensu*, (não obstante, sempre com um enfoque interdisciplinar e abordando a subjetividade) é a obra de Alfredo Martini sobre a classe operária no sul do Lazio, e de Giovanni Contini sobre vários aspectos da história da classe operária e a cultura material

⁵⁵ Bianca Guidetti SERRA, *Compagne. Testimonianze di partecipazione politica femminile* (Turim: Einaudi, 1977); Lidia Beccaria ROLFI & Anna Maria BRUZZONE, *Le donne di Ravensbruck* (Turim: Einaudi, 1978); Laura MARIANI, *Quelle dell'idea. Storie di detenute politiche* (Bari: De Donato, 1982).

⁵⁶ Anna BRAVO & Daniele JALLÀ (eds.), *La vita offesa. Storia e memoria dei lager nazisti nei racconti di duecento sopravvissuti* (Milão: Franco Angeli, 1986) Ver também A. BRAVO, Lilia DAVITE & D. JALLÀ, "Myth, impotence, and survival in the concentration camps," in Raphael Samuel & Paul Thompson, *The Myths We Live By* (London: Routledge, 1990), pp. 95-110; Ferruccio CEREJA & Brunello MANTELLI, *La deportazione nei campi di sterminio* (Milão: Franco Angeli, 1986).

⁵⁷ Bruno BUITONI, *Pasta e cioccolato. Una storia imprenditoriale*, entrevistado por Giampaolo Gallo (Perugia: Protagon, 1992). Ver também Giovanni CONTINI, *Santa Croce sull'Arno. Biografie di imprenditori* (Empoli: Thesis, 1987). Sobre a chamada Società Italiana di Storia orale, ver as comunicações da conferência em *L'intervista strumento di documentazione. Giornalismo, antropologia, storia orale* (Roma: Ministero dei Beni Culturali e Ambientali, 1987); Maria G. MELCHIONNI, *Istor. Colui che racconta in veste di testimone. Manualito per praticare la storia orale* (Roma: Kappa, 1996). Desde Janeiro de 1996, a Sociedade também publica uma revista semestral. Para um projeto de história oral da elite, iniciado pelo CENSIS (uma organização de pesquisa social sediada em Roma) na qual a Sociedade também está envolvida, ver *Archivio delle fonti orali sugli anni '50. Memoria di un decennio di modernizzazione*, número especial de *CENSIS. Note e commenti*, XXX, 4 (abril de 1994).

na Toscana rural e urbana⁵⁸. Martini e Contini colaboraram para o primeiro manual compreensível sobre história oral publicado na Itália, *Verba Manent*⁵⁹ e ajudaram também na constituição e racionalização de arquivos orais e ao reconhecimento das fontes orais pelos arquivos históricos estatais⁶⁰. Em sintonia com seu interesse pelos processos e tecnologias atualmente utilizadas no trabalho, como demonstra seu estudo anterior sobre a história industrial e sobre a cultura material em geral, Contini foi também referência nas abordagens audiovisuais para a história oral⁶¹. Nunca é demais mencionar que nem Contini nem Martini ocupam um cargo universitário.

Enquanto os historiadores se ocupavam principalmente da confiabilidade, os sociólogos concentraram-se na questão da representatividade das fontes orais, do método biográfico e da relação do indivíduo com a sociedade. O uso de fontes orais para a sociologia qualitativa foi reforçado principalmente por Franco Ferrarotti - um dos fundadores da sociologia italiana, que enriqueceu a herança da escola de Chicago - e pelo trabalho, por um lado, de Thomas e Znaniecki e a influência, por outro, de Daniel Bertaux, com um conhecimento expressivo da obra de historiadores orais na Itália e no exterior e uma ampla perspectiva política⁶². A obra de sociologia que inicialmente se realizou em torno de Ferrarotti em Roma, com professores como Paola Bertelli, Enzo Campelli, Roberto Cipriani, Pietro Crespi, Maria Immacolata Maciotti, Enrico Pozzi, representados na revista *La Critica Sociologica*, estava caracterizada por uma atenção

⁵⁸ Alfredo MARTINI, *Biografia di una classe operaia*; id., "Operai e popolazione ad Isola del Liri nel secondo dopoguerra. Prime considerazioni su fonti e storia operaia," *I Giorni Cantati*, 4 (1983), pp. 129-36; id., "Coloni e braccianti veneti nell'Agro romano. Maccarese negli anni Trenta," in Emilio FRANZINA & Antonio PARISELLA (eds.), *La Merica in Piscinara. Emigrazione, bonifiche e colonizzazione veneta nell'Agro romano tra fascismo e post-fascismo* (Padova: Francisci, 1986), pp. 131-90; id., "Riflessioni sull'uso delle fonti orali nella ricerca storica," *Rassegna degli Archivi di Stato*, 1-2 (January-August 1988), pp. 154-68; Giovanni CONTINI, "Fonti orali e fonti scritte: un confronto," *Classe*, 18 (1980), pp. 285-328; id., "Fonti orali e storia delle identità individuali e collettive," *Rassegna degli Archivi di Stato*, 1-2 (Janeiro - agosto de August 1988), pp. 136-43; id., *Memoria e storia. Le officine Galileo nel racconto degli operai, dei tecnici, dei manager*; id., "La história oral en Italia," *História y fuente oral*, 5 (1989), pp. 131-38.

⁵⁹ Giovanni CONTINI & Alfredo MARTINI, *Verba Manent. L'uso delle fonti orali per la storia contemporanea* (Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1993).

⁶⁰ Sobre arquivos, ver Paola CARUCCI & Giovanni CONTINI (eds.), *Le fonti orali*, número especial de *Rassegna degli Archivi di Stato*, 48, 1-2, 1988; Alfredo MARTINI, Antonella MULÉ (eds.), *Fonti orali. Censimento degli istituti di conservazione* (Roma: Ministero per i Beni Culturali e ambientali, 1993).

⁶¹ See Giovanni CONTINI & Silvia PAGGI, "La memoria divisa," video anexo a L. PAGGI (ed.), *Storia di un massacro ordinario*. Um abrangente catálogo dos arquivos visuais italianos pode ser visto em Luisa ARDUINI (ed.), *Guida agli archivi audiovisivi in Italia* (Roma: Archivio audiovisivo del movimento operaio e democratico, 1996). As instituições seguintes dispõem de significativas amostras de material de história oral: Archivio Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico (Roma); Archivio Etnostorico Nazionale (Catania); Archivio Nazionale Cinematografico della Resistenza (Turim); Biblioteca Civica Fonovideoteca "Antonio Tiraboschi" (Bergamo); Centro Etnografico Ferrarese (Ferrara), a Cooperativa Ricerca sul Territorio (Ostia, Roma); Multimediateca da Universidade de L'Aquila; Videoteca da Memória do Centro de Documentação Judeu (Milão).

⁶² Franco FERRAROTTI, *La storia e il quotidiano* (Bari: Laterza, 1986).

cuidadosa com o método biográfico e com o enfoque qualitativo⁶³, por um profundo envolvimento com o estudo de sujeitos urbanos marginais e, mais recentemente, com a imigração e a multiculturalidade⁶⁴ e pelo estudo dos aspectos sociológicos e antropológicos da experiência religiosa.⁶⁵

Outros trabalhos de sociologia, realizados especialmente por Alessandro Cavalli e Gerardo Lutte, usaram o método das histórias de vida para estudar a juventude, sobretudo a juventude marginalizada. A cultura juvenil e os movimentos estudantis foram também o objeto de alguns diversificados intentos de reconstrução histórica com fontes orais.⁶⁶

⁶³ F. FERRAROTTI, *Vite di periferia* (Milão: Mondadori, 1981); id., "Les biographies comme instrument analytique et interprétatif", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 69 (1980), 227-48; id., "On the Autonomy of the Biographical Method," in Daniel BERTAUX (ed.), *Biography and Society. The Life History Approach in the Social Sciences* (Londres: Sage, 1981), pp. 19-27; Enzo CAMPPELLI, "Approccio biografico e inferenza scientifica," *Sociologia e ricerca sociale*, 3, 9 (1982), pp. 71-94; Roberto CIPRIANI, Enrico POZZI, Consuelo CORRADI, "Histoires de vie familiale dans un contexte urbain," *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 79 (1985), pp. 253-62; Pietro CRESPI, "Narrazione e ascolto. Aspetti e problemi dell'approccio orale in sociologia," *La Critica Sociologica*, 70 (1984), pp. 41-52; Maria Immacolata MACIOTI (ed.), *Biografia, storia e società. L'uso delle storie di vita nelle scienze sociali* (Napoli: Liguori, 1985); M. I. MACIOTI & Consuelo CORRADI (eds.), número especial de *Biography and Society*/*Biographie et Société*, 9 (1987).

⁶⁴ BERTELLI, "Da tanti canti furon pianti," *La Critica Sociologica*, n. 68 (1983-84), pp. 81-156; Roberto CIPRIANI, "Il caso di Valle Aurelia," *La critica Sociologica*, 63-64 (1982-83), pp. 93-170 and 244-45; Maria Immacolata MACIOTI, "La Magliana nuova a Roma," *La Critica Sociologica*, 68 (1983-84), pp. 39-80; Roberto DE ANGELIS, *Gli erranti. Nuove povertà e immigrazione nella metropoli* (Roma: Edizioni Kappa, 1991); Enrico POZZI, "Marco Caruso e Aldo Moro. Ipotesi sulla degradazione dell'immaginario collettivo," *I Giorni Cantati*, 1 (1981), pp. 98-108.

⁶⁵ CRESPI, *Prete operaio* (Roma: Edizioni Lavoro, 1985); Roberto CIPRIANI, *Il Cristo rosso. Riti e simboli, religione e politica nella cultura popolare* (Roma: IANUA, 1985); Enzo CAMPPELLI et al., "Religione e storie di vita familiare," *Idoc internazionale*, 2-3 (1983), pp. 26-30; id. et al., eds., *Histoires de vie et groups primaires: une méthodologie pour l'analyse du phénomène religieux*, Actes de la XVIème C.I.S.R. (Conference of Religious Studies) (Lausanne, 1981); Franco FERRAROTTI, "La iglesia católica y el problema de la convivencia intercultural," *História y fuente oral*, 11 (1994), pp. 119-28. Ver também da antropóloga Clara GALLINI, *Intervista a Maria* (Palermo: Sellerio, 1981); Alessandro PORTELLI, "La Ss. Trinità e la cassa integrazione," *I Giorni Cantati*, 7 (1975), pp. 3-6.

⁶⁶ Para uma abordagem sociológica da cultura juvenil usando fontes orais: Alessandro CAVALLI, ed., *IL tempo dei giovani* (Bologna: Il Mulino, 1985); Gerardo LUTTE, *Giovani invisibili: lavoro, disoccupazione e vita quotidiana in un quartiere proletario* (Roma: Edizioni Lavoro, 1981); M. CACCIALANZA, M. T. TORTI, M. Di MASSA, *L'officina dei sogni. Arte e vita nell'underground* (Genova: Costa e Nolan, 1994); Alessandra CASTELLANI, *Senza chioma né legge. Skins italiani* (Roma: Manifestolibri, 1994); Raffaele RAUTY & Angelica JACOVINO, *Giovani a Montefalcone* (Dipartimento di Sociologia dell'Università di Salerno, 1995). Para mais trabalhos de história oral sobre cultura juvenil com uma abordagem histórica, ver Micaela ARCIDIACONO, Francesca BATTISTI, et al., *L'aeroplano e le stelle. Storia orale di una realtà studentesca* (Roma: Manifestolibri, 1995); Marco MIETTO & Maria Grazia RUGGERINI, "Faber est quisque fortunae suae. Gli studenti del Liceo Classico e dell'Istituto Magistrale a Reggio Emilia," *Contributi* (periódico da administração municipal de Reggio Emilia), 21-22 (1987), pp. 232-391; Rosanna BASSO, "Myths in contemporary oral transmission: a children's strike," in R. SAMUEL & P. THOMPSON (eds.), *Myths We Live By*, pp. 61-69; Cesare BERMANI, "Novara, estate 1969: capelloni contro militari," *I Giorni Cantati*, 10-11 (setembro de 1989), pp. 4-15; Susanna CERBONI, "Ruoli generazionali e cultura tradizionale a Guardavalle"; Franco COPPOLI, "Alcune divergenze fra il compagno Lama e noi: per una storia orale del '77 a Roma," *ibid.*, p. 38-42; Alessandro PORTELLI, "Intervistare il movimento: il '68 e la storia orale," *ibid.*, pp. 67-72; id., "Cultura operaia, condizione giovanile, politicità del privato: ipotesi per una ricerca sul campo," *Rivista di storia*

A contribuição da Antropologia para a discussão sobre fontes orais deve ser buscada principalmente na crítica e na análise epistemológica. Não obstante, o uso analítico e crítico das fontes orais nos estudos antropológicos atuais sobre a sociedade e a cultura italiana foi muito escasso, talvez devido à crescente abstração e auto-reflexão da antropologia italiana e a conseqüente fragilidade da tradição de De Martino no trabalho de campo e na investigação empírica, em favor de seu lado mais teórico e filosófico. A maior parte das contribuições se realizou na forma de artigos teóricos (às vezes, extremamente críticos) ou de histórias de vida individuais⁶⁷. Mesmo questões sobre a relação entre mito e história, que parece ser um tema específico da Antropologia, foram tratadas por pesquisadores num contexto histórico ou literário⁶⁸.

Uma original e fascinante combinação de folclore e interpretação histórica baseada em trabalho de campo é o estudo de Aurora Milillo, *La vita e il suo racconto*, uma análise comparativa de contos populares e histórias de vida contados pelos mesmos entrevistados em Lucânia, mostrando como motivos populares estruturam narrativas autobiográficas, ao mesmo tempo que, em sentido inverso, os impulsos autobiográficos estão envolvidos na forma como são narrados os contos populares⁶⁹. De fato, a obra de

contemporanea, VIII, 1 (January, 1979), 56-83; id., "Conversations with the Panther. The Italian Student Movement of 1990," *International Annual of Oral History*, ed. por Ronald J. GRELE (verão de 1990 [publicado em 1992]), pp. 145-166; Francesca BATTISTI & Alessandro PORTELLI, "The Apple and the Olive Tree: Tourists and Migrants in the University," *International Annual of Oral History and Life Stories*, 3 (1994), pp. 35-52 (todos serão incluídos na seção de movimentos juvenis em *The Practice of Oral History*); Luisa PASSERINI, *Autobiografia di gruppo*. Passerini também contribuiu para a parte italiana do projeto de Ronald FRASER (ed.), *1968. A Student Generation in Revolt. An International Oral History* (Nova York: Pantheon, 1988).

⁶⁷ Marisa Callari GALLI, *Le storie di vita* (Roma: Edizioni Ricerche, 1966); Pietro CLEMENTE, "L'oliva del tempo: frammenti di idee sulle fonti orali, sul passato e sul ricordo nella ricerca storica e demologica," *Uomo e cultura*, 33-6 (1984-5), pp. 17-34; "Debate sobre las fuentes orales en Italia"; id., "Las fuentes orales en la historia de los estudios demológicos en Italia. Apuntes", *Estudios sobre las cultural contemporáneas. Revista de investigación y análisis*, 8-9 (Colima, Mexico, 1990); id., "Multiculturalismo, identità etnica," *Ossimori*, 2 (1993, pp. 9-17); id., "Temps, mémoire et récits. Anthropologie et histoire," *Ethnologie française*, 3 (1994); Valeria Di PIAZZA & A. MUGNAINI, *Io sò nata a Santa Lucia* (Castelfiorentino, Arezzo: Società Storica Valdelsana, 1988); Anna Maria RIVERA, *Vita di Amelia. Un'autobiografia tra oralità e scrittura* (Manduria, 1984). Ver também Cesare BERMANI, "Storia e antropologia. Appunti di lavoro," in R. Botta et al. (eds.), *La cultura delle classi subalterne*, pp. 17-42.

⁶⁸ Luisa PASSERINI, "Mythbiography in oral history," [traduzido em português com o título de "Mitobiografia em história oral", in *Projeto História* (São Paulo, n.10, dez. 1993)] e Alessandro PORTELLI, "Uchronic Dreams: Working-Class Memory and Possible Worlds" [traduzido em português com o título "Sonhos ucrônicos: memória e possíveis mundos dos trabalhadores", in *Projeto História* (São Paulo, n.10, dez. 1993)], ambos em R. SAMUEL & P. THOMPSON (eds.), *The Myths We Live By*, pp. 49-60, 143-60 (no mesmo volume, ver também o artigo de Rosanna Basso e Anna Bravo et al., citado em outra nota neste artigo); Cesare BERMANI, *Il bambino è servito*.

⁶⁹ Aurora MILLILLO, *La vita e il suo racconto. Tra favola e memoria storica* (Roma- Reggio Calabria: Casa del libro, 1983); ver também *Fonti orali*, 2(3 (1983), número especial sobre narrativa e tradição oral, editado por Aurora Milillo.

folcloristas sobre a narrativa oral e as canções populares como documentos históricos⁷⁰ foi uma ponte entre a prática do trabalho de campo nas ciências sociais e aquilo que era, provavelmente, a contribuição italiana mais relevante ao estudo e à interpretação de fontes orais: a análise formal da narrativa.⁷¹ Lingüistas, teóricos e críticos literários que trabalharam com material oral, chamaram a atenção sobre o fato de que a qualidade oral das fontes não é uma simples casualidade (que se resolve ao transcrevê-las), mas que o conteúdo do seu significado e relevância. Em meu próprio trabalho apontei várias vezes que o significado da narrativa na história oral se encontra na sua dialógica forma verbal estabelecida na entrevista. A análise da estrutura narrativa e simbólica e a variabilidade e multiplicidade de variantes e versões são uma chave para os significados implícitos no conto; o uso de gêneros e motivos socialmente compartilhados une o individual com o coletivo, contribuindo assim a uma resposta à pergunta sobre a representatividade; a variabilidade e a multiplicidade de variantes e versões e a interação mútua do investigador e do informante, longe de ser um impedimento ou uma impureza, são a identidade específica do gênero da entrevista em história oral. A experiência da história oral, por sua vez, influenciou no desenvolvimento de meu trabalho sobre crítica literária e História.⁷²

O linguista Giorgio Cardona, em seus estudos sobre antropologia e lingüística da escrita, se sentiu atraído pelo contraste da observação da comunicação oral em ação, como se faz no trabalho de campo. Criticando visões dualistas que opõem o oral ao escrito, Cardona insistiu em sua relação mútua, influência e intercâmbio.⁷³ Domenico

⁷⁰ Cesare BERMANI, "Canti popolari e storie di vita," in L. LANZARDO (ed.), *Storia orale e storie di vita*, pp. 91-118; Roberto LEYDI, *La canzone popolare*, in *Storia d'Italia* (Turim: Einaudi, 1973), vol. V-II; id., *Canti sociali italiani*; A. PORTELLI, "Tipologia della canzone operaia," *Movimento operaio e socialista*, VI, 2 (maio-agosto de 1983), pp. 207-24 (agora em *The Death of Luigi Trastulli*, pp.161-92); Franco CASTELLI, "La 'storia adombrata': etnotesti e memoria orale," in R. BOTTA *et al.*, eds., *La cultura delle classi subalterne*, pp. 265-81. Uma excelente série de publicações que une folclore, história local e fontes orais está em *Quaderni dell'Archivio della cultura di base* coordenado por Mimmo Boninelli (um músico e historiador oral também vinculado ao Instituto De Martino) em Bergamo.

⁷¹ *Racconto: tra oralità e scrittura*, editado por Irene Loffredo (Milão: Emme Edizioni, 1983), com contribuições de Alessandro Portelli, Cristina Lavinio e Domenico Starnone; C. LAVINIO, Luisa MULAS, Giovanna CORINA, *Oralità e scrittura nel sistema letterario* (Roma: Bulzoni, 1980).

⁷² Il testo e la voce. Oralità, scrittura e democrazia nella letteratura americana (Roma: Manifestolibri, 1992); Traduzido para o inglês, como "The Text and the Voice. Speaking, Writing and Democracy in American Literature" (Nova York: Columbia University Press, 1994). Ver também, "Absalom, Absalom!: Oral History and Literature," in *The Death of Luigi Trastulli*, pp. 270-82; "Oral History as Genre," in *The Practice of Oral History* [traduzido para o português, com o título de "História oral como gênero", in *Revista Projeto História*, n.22, janeiro de 2001].

⁷³ Giorgio CARDONA, "Oralità e scrittura," in Alberto Asor ROSA (ed.), *Letteratura italiana* (Bari: Laterza, 1983), vol. 2. Para uma abordagem lingüística conversacional da história, ver Anna SCANNAVINI, "Lingua orale e lingua scritta: lavori in corso," *I Giorni Cantati*, 7 (1985); id., "Note preliminari sul discorso orale," *I Giorni Cantati*, 25 (primavera de 1995), pp. 40-46.

Starnone realizou diversos trabalhos de história oral e teoria da expressão oral como professor do ensino médio e membro do Círculo Gianni Bosio, antes de converter-se num dos maiores escritores contemporâneos italianos, utilizando os mesmos materiais e experiências da história oral de algumas de suas novelas⁷⁴. Finalmente, ainda que a preocupação de Luisa Passerini pelas qualidades formais e históricas das fontes orais não decorreu de um contexto literário, sua intrigante *Autobiografia di gruppo* é uma articulação fascinante de autobiografia, história oral e história auto-reflexiva de um projeto de investigação que está também dotado de relevância literária.

4. Entre as questões mais debatidas pelos historiadores orais italianos se encontraram algumas das seguintes: - qual é a relação destas vozes com a voz do historiador? Em que medida a publicação continua ou representa o diálogo e a performance? O que é, em cada caso, o equilíbrio entre o oral e a história, o modo de transmissão e reconstrução dos fatos? Eu gostaria de concluir com um breve exame das diferenças formais e estruturais de algumas das obras mais importantes da história oral italiana em termos da apresentação das fontes orais e da interação entre as vozes dos narradores orais e a do historiador.⁷⁵

Os livros de Nuto Revelli – *Il mondo dei vinti* (1977) e *L'anello forte* (1985) – são baseados numa distinção rigorosa de vozes: o historiador escreve ricas, informativas, sensíveis e auto-reflexivas introduções; após o que nós lemos o testemunho editado dos entrevistados, um após o outro, dando um sentido de aparência às vidas individuais. Se os narradores apresentam-se falando pormenorizadamente de si mesmos e a interpretação fica por conta dos leitores, no interior da estrutura estabelecida na introdução. A documental objetividade se faz no arranjo das vozes, a qual é delineada numa ordem que visa valorizar a subjetiva compaixão de cada narrativa.⁷⁶

⁷⁴ Domenico STARNONE, "L'eroe, la santa, le polveri: antinfortunistica sacra alla Snia di Colferro," *I Giorni Cantati*, 1 (1981), pp. 46-58; "Scuola, ricerca e teatro. Per riprendere la parola," *I Giorni Cantati*, 4 (1983), pp. 52-65; "Oralità subalterna e dominio della scrittura," in *Racconto: tra oralità e scrittura*, ed. by I. Loffredo, pp. 59-81. Estes três trabalhos são baseados num projeto mais tarde narrado em sua novela *Segni d'oro* (Milão: Feltrinelli, 1990).

⁷⁵ Esta seção foi baseada em parte de uma comunicação sobre a "história oral como gênero", apresentada na conferência sobre "Método e metodologia em História Oral nas Ciências Sociais", Lvov, Ukraine, setembro de 1984, e incluído em *The Practice of Oral History*.

⁷⁶ O uso que Revelli faz de "testemunho" e "vidas" nos subtítulos ("testemunhos da vida rural", "histórias da vida rural") acentua o efeito de objetividade; da mesma forma, ele inclui suas próprias questões nas respostas dos informantes, dissimulando sua intervenção: "Eu acredito que eles mandaram um homem à Lua?" Revelli usa uma abordagem dialógica e auto-reflexiva muito

Torino operaia e il fascismo (1984) de Luisa Passerini é um exemplo de como a história oral pode produzir uma excelente história sem adjetivos. Passerini realiza uma sofisticada leitura do testemunho tanto quanto das fontes escritas de arquivos, pautada numa consistente narrativa histórica. As entrevistas são citadas tais como os documentos históricos: verificações textuais de uma interpretação histórica. A abordagem do livro, entretanto, é especificamente de história oral, porque se centra na reconstrução da subjetividade. Embora a oralidade das fontes seja escassamente tematizada e são pouco aproveitadas as possibilidades de análises narrativas e lingüísticas, o “oral” continua sendo essencial para o sucesso deste livro como “história” através da categoria da subjetividade.

Em *Mondo operaio e mito operaio* (1987) de Murzio Gribaudi, a oposição entre “mundo” e “mito”, o esforço para construir uma realidade factual e dissipar enganos ideológicos, leva a um uso subordinado de um número limitado de fontes orais como um depósito de informações essencialmente factuais sobre estratégias econômicas e trajetórias demográficas. As palavras dos entrevistados, de maneira geral, não são citadas e são interpretadas de forma descuidada, dando pouca atenção à linguagem, à forma narrativa e a seus significados menos explícitos. O equilíbrio entre “oral” e “história” pende acentuadamente para as formas mais convencionais desta última: este livro foi escrito, de fato, como um caso de “total desvalorização de qualquer significado das fontes orais”.⁷⁷

Minha *Biografia di una città* (1985) se encontra mais propriamente no outro extremo. Um uso intenso de montagem e bricolagem de fontes (incluindo arquivos e escritas) põe em primeiro plano a polifonia e o diálogo; enquanto o historiador, supostamente, fala o menos possível – oferecendo conexões, sugerindo rapidamente formas para interpretar -, controla muito e entra em momentos específicos para incluir a experiência da entrevista como fator chave para seu significado.⁷⁸ A mínima fragmentação e recomposição das vozes (e sua interação com outras fontes) é recriada para transmitir a experiência dialogal de uma história contada por muitas vozes, menos

diferente em seu recente *Il disperso di Marburg* (Turim: Einaudi, 1994), o qual foca na história de uma pesquisa e sobre sua própria resposta para os problemas que aparecem.

⁷⁷ Giovanni CONTINI & Alfredo MARTINI, *Verba Manent*, p. 47.

⁷⁸ De acordo com Luisa Passerini, a combinação de montagem e de contextualização narrativa no livro causa “uma sensação de desaparecimento do sujeito, ou, mais propriamente, uma ambiguidade quanto a quem é o sujeito neste jogo de reescrever e exploração – quem joga qual papel neste conjunto de citações” (“Il programma radiofonico come fonte,” *Storia e soggettività*, pp. 172-73). Por fim, como o próprio nome sobre a capa indica claramente, o sujeito que fala, responsável por toda exposição, é o próprio historiador.

como reprodução objetiva do que como representação criativa. Os modelos decorrem menos da história ou da sociologia que da literatura (Dos Passos, Conrad, Faulkner), do cinema, da música (a alternância de solos, recitais, coros e peças orquestrais do oratório barroco). Enquanto os eventos factuais da história oferecem o esqueleto da narrativa, seu significado encontra-se quase que totalmente nas freqüências mais baixas da comunicação oral.

O diálogo mais intenso e auto-reflexivo entre as fontes e o historiador se encontra, finalmente, em outra obra de Luisa Passerini, *Autoritratto di grupo* (1988). Entrelaçando histórias orais do movimento estudantil de 1968 com a história de sua investigação e a análise das entrevistas, bem como sua própria autobiografia e sua psicanálise, Passerini cria uma síntese original de autobiografia e historiografia, psicanálise, história social e literatura, o que é um gênero totalmente novo. Não surpreende que este livro também inspirasse uma forma de apresentação com a qual a história oral se assemelha muito: uma performance teatral.

Agora, a questão final deveria ser: há algo que se possa denominar de “história oral italiana”? Como estes exemplos indicam, praticantes individuais têm seguido, desenfreadamente, diferentes enfoques para a coleta e apresentação das fontes. Realmente, qualquer sugestão de uma “escola” ou “movimento” de história oral na Itália encontrou forte resistência por vários lados. Finalmente, a institucional debilidade da disciplina, o fato de que muito do que foi feito ocorreu voluntariamente, favorece também a fragmentação.

Entretanto, não se pode discordar totalmente da percepção vinda do exterior. Algumas características compartilhadas tornam-se reconhecíveis quando se olha de longe: o foco na investigação da subjetividade antes que sobre a reconstrução factual, na interpretação e não na coleta e apresentação das fontes; a combinação de um ativo trabalho de campo, preocupações críticas e metodológicas, horizontes políticos anti-autoritários; a compreensão de como mecanismos sociais e individuais da memória, a imaginação, o desejo, influem nas representações e projeções do passado; a atenção para a forma narrativa como uma expressão de significados implícitos; o reconhecimento da natureza dialogal da entrevista como um tipo específico de formação de fontes; e a consciência de que a história oral requer uma reorganização geral da prática e da teoria da História e das ciências sociais em geral. Nenhum destes aspectos são encontrados exatamente da mesma forma em toda ou na maior parte da história oral italiana. Mas,

constituem o horizonte do debate, e o cerne da contribuição italiana à história oral numa perspectiva internacional.

Poderíamos concluir com uma citação de Luisa Passerini, que expressa de maneira muito eloqüente e concisa o que torna diferente a história oral italiana e o que constitui sua provocação para a História e as ciências sociais, grosso modo:

A preocupação da história oral é apoiar e tentar praticar uma historiografia que será uma construção consciente, a partir de ponto de vista do presente, de um passado que é formado por esta reinterpretação, mas que, graças a este esforço de subjetividade, também retorna ao objeto no que ele realmente é e quer ser. Uma história que entende ao longo de quais linhas se desenvolveu a real experiência e o poder da história – da atividade intencional e não intencional de sujeitos humanos e superindividuais (...)A história oral inquieta-se com o estabelecimento de um conceito de memória como ato narrativo e mediação simbólica, que deve ser estudado em suas diversas manifestações históricas e sociais. Descobrir as descontinuidades, as contradições, a inércia, mas também a criatividade e fidelidade da memória como um ato individual em contextos sociais, pode ser uma contribuição para ampliar e humanizar o conceito de verdade histórica.⁷⁹

O Escritório Global: Tecnologias da Informação e a realocação do trabalho de colarinho branco⁸⁰.

Alessandra Gasparotto⁸¹

Antônio de Pádua Bosi⁸²

⁷⁹ L. Passerini, "Per una critica storia dell'oralità," pp. 116-17.

* Este texto foi originalmente escrito para uma Conferência organizada pelo "Greater London Council". As fontes que sustentam as questões e os argumentos nele apresentados foram levantadas por volta de 1982. Portanto, o advento da internet ainda não era um recurso popularizado. O texto traduzido, "The Global Office: Information Technology and the Relocation of White Collar Work", corresponde ao capítulo quarto do livro de Ursula Huws, **The Making of a Cybertariat: Virtual work in a real world**. New York:Monthly Review Press, 2003, p.56-60. A Revista **Tempos Históricos** agradece à Professora Ursula Huws a permissão de publicá-lo, e ao Professor Ricardo Antunes a gentileza de cedê-lo, já que o mencionado livro será traduzido e publicado na íntegra no Brasil.

⁸⁰ A expressão "trabalho de colarinho branco" foi traduzida a partir do termo "white-collar work", presente no título original. Tal termo remete ao trabalho de tipo não manual (cuja atividades envolvem trabalho intelectual), em oposição à expressão "blue-collar work", que é definida informalmente como trabalho manual. (Nota dos Tradutores)

⁸¹ Professora no curso de História da UNIOESTE.

⁸² Professor no curso de História da UNIOESTE.

Embora uma quantidade considerável de pesquisas tenha se dedicado a estudar os efeitos das Tecnologias da Informação (TI) nos empregos dentro de países industrializados e examinar tais efeitos sobre as habilidades relacionadas ao trabalho e sobre a divisão interna do trabalho, uma atenção comparativamente menor tem sido dedicada ao potencial dessas TIs para permitir que o trabalho de processamento de informações seja realocado, transferido de lugar, contribuindo desse modo para uma internacionalização da divisão do trabalho de colarinho branco.

É possível identificar três meios distintos, embora interligados, pelos quais a introdução das TIs tem facilitado tal desenvolvimento.

O primeiro desses meios decorre do “*unbundling*”⁸³, ou o efeito desagregador promovido pela automação do escritório sobre sua estrutura organizacional. Ao formalizar a estrutura de tomada de decisões e aumentar de modo significativo a possibilidade de quantificar e monitorar o desempenho de cada parte de uma organização, o “*unbundling*” tem sido a principal contribuição para a desintegração vertical de grandes companhias, levando a um aumento da sub-contratação e da expansão de pequenas firmas, particularmente em indústrias de alta tecnologia. É claro que esta tendência não pode ser vista isoladamente. Ela deve ser compreendida no contexto de uma tendência marcada pela precarização dos empregos que tem sido encorajada por políticas governamentais em países como o Reino Unido, tais como o desmantelamento da legislação trabalhista e o estímulo à privatização dos serviços públicos. A desintegração vertical das indústrias tem implicações não somente para a estrutura de empregos em determinadas localidades, mas também para a divisão internacional do trabalho. Ao tornar mais simples a exportação de partes do processo de produção do que foi no passado, facilita-se a desindustrialização de regiões do mundo desenvolvido, tornando mais complexa a divisão do trabalho entre países desenvolvidos e países do terceiro mundo, os quais não podem mais ser analisados nos termos de uma simples distinção entre “cabeça” e “mãos”⁸⁴.

⁸³ Este termo surgiu para descrever processos de repartição de redes de telefonia local de maneira a permitir que outros prestadores de serviços pudessem alugar partes dessas redes para prover seus clientes. (Nota dos Tradutores)

⁸⁴ Ver a esse respeito S. Brusco. “Labor Market Structures, Company Policies and Technological Progress: The case of Italy”. In O. Diettrich and J. Morley. **Capital and Labor**. Brussels:EEC, 1981; L.

O segundo meio pelo qual as Tecnologias da Informação transformam a estrutura dos empregos reside na sua capacidade de externalizar processos de trabalho e, com isso, os custos com o trabalho. Isto é particularmente evidente (embora esteja longe de ser exclusivo) nas empresas de serviços tais como atacadistas, seguradoras e agências de turismo, onde uma central fornecedora atende outras empresas que são suas clientes. Com a introdução de terminais remotos⁸⁵ nos escritórios das empresas clientes é possível que muitas tarefas da rotina burocrática, antes realizadas na central abastecedora dessas empresas, sejam executadas por funcionários empregados pelas empresas clientes, transferindo assim uma grande parcela dos custos de trabalho e modificando os padrões de emprego nessas empresas e nas áreas ligadas a elas⁸⁶. Desse modo, companhias de seguro têm sido capazes de cortar mão-de-obra às custas dos corretores de seguro, as empresas de turismo às custas dos agentes de viagem, fornecedores de peças de automóveis às custas de oficinas, e assim por diante. Em alguns ramos como o bancário e filiais de varejo, este processo já foi levado ao extremo, através da transferência de grande parte do trabalho para o consumidor, que o realiza sem remuneração num esquema de “self-service”⁸⁷. Cabe notar também que devido à capacidade dos sistemas de informação de computação em prover detalhados monitoramentos e sofisticados sistemas de gerenciamento de informação, esta descentralização dos empregos é geralmente acompanhada por uma centralização do controle⁸⁸. Desnecessário dizer que esta possibilidade não está confinada à descentralização no interior de fronteiras nacionais, mas também tem potencial para trazer mudanças internacionais no âmbito do emprego.

A terceira forma pela qual as Tecnologias da Informação pode trazer transformações no padrão de organização do trabalho dentro e entre países decorre de sua capacidade para a introdução do teletrabalho, isto é, trabalho à distância realizado a partir dos recursos proporcionados pelas telecomunicações. Tal técnica ainda está nos

Siegel et.al.. **Background Report on Silicon Valley**. Mountain View:Pacific Studies Center, 1982; B. Bluestone and B. Harrison. **The Deindustrialization of America**. New York:Basic Books, 1982.

⁸⁵ “Terminal Remoto” designa uma comunicação entre duas máquinas situadas em lugares diferentes, geralmente distantes, permitindo o acesso interativo a uma máquina remota a partir de uma unidade de controle de transmissão local. (Nota dos Tradutores).

⁸⁶ M. Aldrich. **Videotext: Key to the Wired City**. London:Quiller Press, 1982.

⁸⁷ Ursula Huws. **Your Job in the Eighties**. London:Pluto Press, 1982.

⁸⁸ E. Appelbaum. **The Impact of the Technology on Skill Requirements and Occupational Structure in Insurance Industry**. Philadelphia:Temple University Press, 1984.

seus primórdios e requer a superação de muitos problemas técnicos e econômicos antes que possa ser difundida e utilizada amplamente.

Os problemas técnicos são duplos. Um dos requisitos para superá-los é o desenvolvimento de conexões simples de operar, mas seguras para diferentes sistemas computacionais atualmente em funcionamento por todo o mundo – em lojas, escritórios, bancos, repartições públicas, fábricas e residências. Fazer isto requer desenvolver uma quantidade considerável de softwares complexos que ainda não existem. A segunda exigência é uma rede de telecomunicações interativa que seja ampla, internacional, barata e com alta capacidade de funcionamento. Ela existe, em parte, na forma de redes a cabo locais, redes de telefones e satélites. No entanto, sua cobertura é incompleta, em parte porque a tecnologia de fibra ótica, que poderia prover a base para uma rede a cabo local barata e de alta qualidade, ainda não está suficientemente desenvolvida. Além disso, há razões econômicas que dificultam sua instalação. Tal rede requer investimentos públicos de larga escala para desenvolvê-la a um ponto em que serviria ao teletrabalho em massa em muitas partes do mundo. Na atual conjuntura econômica e política, poucos governos parecem inclinados a bancar tal investimento.

O fato de não termos ainda um sistema de telecomunicações interativo universal que torne as comunicações eletrônicas tão baratas e acessíveis quanto a informática, não deve nos cegar para o fato de que já existe um considerável, embora limitado, conjunto de recursos que algumas empresas já começaram a utilizar.

Em alguns países, isto está assumindo diferentes formas, incluindo a transferência de empregos do centro da cidade para a periferia ou para as filiais, e o crescente uso de trabalhadores em domicílio para o trabalho de colarinho branco. Nesses casos, tais mudanças atingem desde empregos de executivos e de técnicos seniores até a simples rotina de registro de dados. Essas mudanças têm sido geralmente acompanhadas por um declínio dos níveis salariais e por uma redução de direitos tais como afastamento remunerado em caso de doença, férias e licença maternidade, aposentadoria e pensão para trabalhadores que, em relação aos empregos de baixa qualificação, são majoritariamente mulheres presas em suas casas pela necessidade de cuidar de seus filhos pequenos⁸⁹.

⁸⁹ Ursula Huws. **The New Homeworkers: New Technology and the Changing Location of Whitecollar Work**. London: Pluto Press, 1982.

Internacionalmente, tem havido alguma transferência de trabalho técnico entre países que usam conexões de telecomunicações online. Inclui-se nisso a utilização da transmissão por meio de fac-símile, por exemplo, para que a composição de um jornal possa ser realizada num país enquanto sua impressão é feita noutra parte. Nesse mesmo sentido, tem havido também uma especialização de certas funções de processamento de dados em determinados países que permite, por exemplo, que um banco de dados na Itália ou nos Estados Unidos seja acessado de outro lado do mundo. Além disso, há um crescente uso das telecomunicações para comunicações internas nas grandes corporações, permitindo que diferentes partes de um processo de produção sejam internacionalmente coordenadas. Agora é possível que designers que trabalham em um determinado país programem diretamente a produção de máquinas em outro país. A maior parte desses processos técnicos envolve poucos funcionários, tanto que os efeitos nessa rede de empregos não são grandes, embora as implicações para o processo de produção e para a tecnologia transferida sejam consideráveis. O aspecto mais importante em relação aos números de empregos afetados tem sido o crescimento do processamento de informações no exterior, através do qual conexões via satélite são utilizadas para transferir funções rotineiras de registro de dados para países do terceiro mundo. Empresas fixadas nos Estados Unidos – algumas especializadas em subcontratar tarefas como a preparação de dados – já são conhecidas por operar desta maneira em Barbados, Jamaica, Singapura e lugares da Índia, quando o trabalho envolve o uso da língua inglesa, e no Brasil e na China, quando o trabalho envolve números. Geralmente, matérias-primas tais como os canhotos de bilhetes de companhias aéreas, formulários de “ofertas especiais” preenchidos e removidos das embalagens de produtos, ou outros documentos oriundos da rotina de um trabalho intenso, são descarregadas dos aviões em largos sacos para serem identificadas por mulheres que trabalham em turnos trocados recebendo baixos salários, em condições que justificam os seguintes dísticos em seus locais de trabalho⁹⁰: “fábricas de suor eletrônicas”⁹¹.

Há vários pontos a serem notados em relação à questão anterior. Em primeiro lugar, este tipo de trabalho é de uma natureza repetitiva e de baixa qualificação que não

⁹⁰ Ursula Huws. “The Runaway Office Jobs”. **International Labour Reports**. nº 2, March-April 1984.

⁹¹ O termo “*sweatshop*” é geralmente empregado para referir às fábricas caracterizadas por condições de trabalho insalubres, incluindo longas e intensas jornadas, exposição à produtos nocivos a saúde, altas temperaturas, situações perigosas, além de baixos salários e poucos direitos trabalhistas. (Nota dos Tradutores)

agrega nenhuma habilidade útil ou compensação financeira para os trabalhadores que se ocupam dele.

Em segundo lugar, embora seja perfeitamente razoável que empresários ou cooperativas locais se estabeleçam como subempreiteiros das tarefas de registro de dados, as evidências sugerem que até o momento as companhias sediadas nos Estados Unidos têm dominado este campo. E mesmo que tais empresários e cooperativas locais consigam ser contratados para este tipo de serviço, a autonomia seria difícil de ser alcançada devido ao alto grau de controle centralizado que as telecomunicações online conferem à empresa da qual origina o contrato. Os sistemas computacionais utilizados para a registro de dados são capazes de realizar um monitoramento do trabalho extremamente sofisticado, guardando registros do número de toques por minuto no teclado, dos índices de erros, dos números de tarefas concluídas, e da duração dos intervalos de cada trabalhador, permitindo que se compare a produtividade de um subcontratado com outro, deixando um pequeno espaço para o desenvolvimento de métodos humanos de trabalho e para melhorar as condições e os salários dos trabalhadores. Finalmente, cabe destacar que este tipo de atividades não cria empregos permanentes, pois a maior parte do trabalho com registro de dados é provisória. A combinação de tecnologias de reconhecimento óptico de caracteres e de reconhecimento de voz com uma disseminação que as torne fáceis de usar, viabilizando sistemas online que permitam que os usuários acessem e introduzam seus próprios dados, pode tornar empregos tais como os de especialistas na perfuração de cartões ou de operadores de preparação de dados, obsoletos dentro da próxima década.

Concluindo, fica claro que o desenvolvimento de tecnologias da informação traz consigo, em teoria, a possibilidade de uma radical reestruturação nos postos de trabalho relacionados ao processamento de informações, eliminando a necessidade da maior parte dos empregos não manuais (e alguns empregos manuais relacionados aos sistemas de produção computadorizada e gestão de processos) estar colocada num lugar específico. Com isso, pode haver uma transformação na desigual divisão do trabalho, existente entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Entretanto, na prática, a menos que haja uma mudança fundamental no equilíbrio do poder entre corporações multinacionais e seus empregados, e entre os Estados de países desenvolvidos e do terceiro mundo, parece pouco provável que este potencial seja realizado. É mais provável que nós estejamos assistindo a uma crescente centralização do controle dessa

nova tecnologia e sua utilização como um instrumento de dominação, ao invés de tornar-se uma forma de libertação.